

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

PRISCILA NERY PAIXÃO CRISPIM

**A NARRATIVIDADE BÍBLICA NO CONTO “NA ARCA”, DE MACHADO DE
ASSIS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA**

**São Paulo
2023**

PRISCILA NERY PAIXÃO CRISPIM

**A NARRATIVIDADE BÍBLICA NO CONTO “NA ARCA”, DE MACHADO DE
ASSIS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em
Letras.

ORIENTADORES: Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves (em memória)
Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno

São Paulo
2023

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C932n Crispim, Priscila Nery Paixão.
A narratividade bíblica no conto "Na Arca", de Machado de Assis :
[recurso eletrônico] uma análise funcionalista / Priscila nery Paixão
Crispim.
1003 KB ;

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2023.
Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Alexandre Marcelo Bueno.
Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Maria Helena de Moura Neves.
Referências Bibliográficas: f. 80-84.

1. Linguagem. 2. Aproximação. 3. Distanciamento. 4. Machado De
Assis. 5. Bíblia.. I. Bueno, Alexandre Marcelo, *orientador(a)*. II. Neves,
Maria Helena de Moura, *coorientador(a)*. III. Título.

Bibliotecário(a) Responsável: Marcela Da Silva Matos - CRB 8/10691

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Priscila Nery Paixão Crispim

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras

Título do Trabalho: A narratividade bíblica no conto "Na Arca", de Machado de Assis: uma análise funcionalista

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

PRISCILA NERY PAIXÃO CRISPIM

A NARRATIVIDADE BÍBLICA NO CONTO “NA ARCA”, DE MACHADO DE ASSIS: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

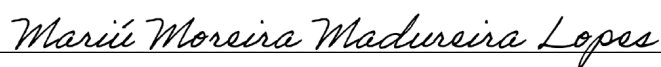
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (Orientador)
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof. Dr. Jonas Moreira Madureira
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Profa. Dra. Mariú Moreira Madureira Lopes
Seminário Teológico Evangélico Betel Brasileiro

À
professora Maria Helena de Moura
Neves, exemplo de mestre. Aquela
que transformava tudo em aula. De
linguística. E de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, dono de todo conhecimento, que permitiu que eu conhecesse um pouco mais de Sua realidade criada. A Ele todo meu louvor e gratidão.

Ao meu marido Rodrigo, por me apoiar e sustentar nossa família por alguns finais de semana, para que fosse possível a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais Antônio e Elza, por me ensinarem a amar os livros desde a infância.

Ao Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno, por ter aceitado o desafio de ser meu orientador e me ajudar na continuidade da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Jonas Moreira Madureira e à Prof^ª Dra^a Mariú Moreira Madureira Lopes, pelas preciosas contribuições. O exame de Qualificação foi uma aula que me ajudou muito no andamento deste trabalho.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie, por ter me dado a oportunidade de realizar esta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, por todo conhecimento transmitido nas aulas.

Por último, não menos importante, deixo aqui meu reconhecimento e gratidão à Prof^ª Dr^a Maria Helena de Moura Neves, que dedicou sua vida à pesquisa e que cuidava de seus orientandos como uma mãe amorosa e exigente. Louvo a Deus pela oportunidade que tive de poder conviver com essa mulher extraordinária. Gratidão!

“No princípio era o Verbo, e o Verbo
estava com Deus, e o Verbo era Deus.”

(João 1:1)

“E a linguagem é ingrediente essencial
nesse reino. O termo *verbo* significa
palavra. Fica, pois, registrado que, com a
palavra (a linguagem), criou-se tudo o que
existe no mundo!”

(Maria Helena de Moura Neves)

RESUMO

Esta dissertação busca verificar como a linguagem (dimensão lexical e construcional) é caracterizada no texto bíblico e no conto literário machadiano. Os textos de análise no trabalho são o conto de Machado de Assis “Na Arca: três capítulos inéditos de Gênesis”, doravante nomeado apenas como “Na Arca”, e o relato bíblico de Gênesis, capítulos 6 e 7, transcrito em uma versão de tradução considerada tradicional, a Almeida Revista e Atualizada (ARA). Verifica-se que o texto bíblico apresenta um relato prescindindo de comentários entremeados na narrativa, e prezando, pois, pelo seu objetivo de ensinar e doutrinar a comunidade religiosa que nela crê. O texto machadiano, por sua vez, cria arte, na apresentação de comentários marcados com fina ironia. O objetivo da pesquisa é pôr em cotejo as características de aproximação e de distanciamento do conto à linguagem bíblica em sua versão tradicional. Para tanto, busca-se aporte teórico sobre tempo narrado e tempo comentado em Weinrich (1968), análise da conversação em Marcuschi (2010), além de recorrer-se à moldura teórica do funcionalismo linguístico analisado em Halliday (2001) e Neves (2001; 2006; 2018a). A amostra permite concluir por uma grande diferença entre as duas narrativas, apesar de ambos os textos tratarem da mesma história. A busca inicial deste trabalho foi verificar se Machado de Assis utilizou aspectos próprios da linguagem bíblica e, se usou, quais são os pontos de distanciamento e de aproximação do conto machadiano (literário) com a linguagem bíblica. A conclusão foi que há mais pontos de distanciamento lexical e mais pontos de aproximação na construção linguística.

Palavras-chave: Linguagem. Aproximação. Distanciamento. Machado de Assis. Bíblia.

ABSTRACT

This dissertation seeks to verify how language (lexical and constructional dimensions) is characterized in the biblical text and in Machado's literary tale. The texts of analysis in the research are the short stories by Machado de Assis "Na Arca: three unpublished chapters of Genesis", henceforth named only as "Na Arca", and the biblical account of Genesis, chapters 6 and 7, transcribed in a version of translation considered traditional, the Almeida Revista e Atualizada (ARA). It is verified that the biblical text presents a story without comments interspersed in the narrative, and therefore, valuing its objective of teaching and indoctrinating the religious community that believes in it. Machado's text, in turn, creates art, in the presentation of comments marked with fine irony. The objective of the research is to compare the characteristics of approximation and distancing of the story to the biblical language in its traditional version. To this end, theoretical support is sought on narrated time and commented time in Weinrich (1968), conversation analysis in Marcuschi (2010), in addition to resorting to the theoretical framework of linguistic functionalism analyzed in Halliday (2001) and Neves (2001; 2006; 2018a). The sample allows us to conclude that there is a great difference between the two narratives, even though both texts deal with the same story. The initial search for this work was to verify whether Machado de Assis used aspects of biblical language and, if so, what are the points of distancing and approximation of Machado's tale (literary) with biblical language. The conclusion was that there are more points of lexical distance and more points of approximation in linguistic construction.

Keywords: Commented time. Approximation. Detachment. Machado de Assis. Bible.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Dicotomias estritas	18
Quadro 2	Visão culturalista	19
Quadro 3	A perspectiva variacionista	19
Quadro 4	Contexto de situação e de cultura	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Aspectos construcionais na aproximação do conto machadiano com a linguagem bíblica	54
Tabela 2	Aspectos lexicais no distanciamento do conto machadiano com a linguagem bíblica.....	60
Tabela 3	Aspectos construcionais no distanciamento do conto machadiano com a linguagem bíblica.....	63

ANEXOS

Anexo A	Narrativa bíblica de Gênesis capítulos 6 e 7	85
Anexo B	Conto “Na Arca”, de Machado de Assis	88
Anexo C	Introdução do conto “Na Arca”, de Machado de Assis	94

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1. FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO. AS NOÇÕES ESSENCIAIS DE “CONTEXTO” E DE “REGISTRO”	19
2.2. TEMPO NARRADO E TEMPO COMENTADO.....	26
2.2.1. Tempo verbal na narrativa.....	29
2.3. MARCAS DE ORALIDADE	32
3. A LINGUAGEM BÍBLICA E A LINGUAGEM DA LITERATURA.....	37
3.1. NA ARCA DE MACHADO DE ASSIS	37
3.2. CARACTERÍSTICAS EM CONTRASTE.....	38
3.3. A ARCA COMO SÍMBOLO BÍBLICO	43
3.4. A LINGUAGEM BÍBLICA NA LITERATURA: MACHADO DE ASSIS	44
3.5. LÍNGUA ORAL E LÍNGUA LITERÁRIA	47
4 NARRATIVA BÍBLICA E NARRATIVA LITERÁRIA: O CONTO EM DIÁLOGO	51
4.1 AS ESCOLHAS LEXICAIS NA APROXIMAÇÃO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA	51
4.2 AS ESCOLHAS CONSTRUCIONAIS NA APROXIMAÇÃO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA	52
4.2.1 Presença do <i>e</i> no início de período.....	54
4.2.2 Construções com os verbos <i>falar e dizer</i>	55
4.2.3 O uso do verbo conjugado na segunda pessoa.....	57
4.2.4 Construções quanto à anteposição.....	58
4.2.5 Paráfrase.....	59

4.3	AS ESCOLHAS LEXICAIS NO DISTANCIAMENTO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA	61
4.4	AS ESCOLHAS CONSTRUCIONAIS NO DISTANCIAMENTO PRAGMÁTICO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA.....	63
4.4.1	Alterações semânticas	66
4.4.2	Frases interrogativas	68
4.4.3	Presença do tempo comentado	69
4.4.4	Técnica de repetição	73
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	80
	ANEXOS	85
	ANEXO A – Narrativa Bíblica Gênesis 6 e 7 (Bíblia Nova Almeida Revista e Atualizada) ..	85
	ANEXO B – Conto na Arca, de Machado de Assis	88
	ANEXO C – Introdução do conto na Arca, de Machado de Assis.....	94

1. INTRODUÇÃO

E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra e pesou-lhe em seu coração. E disse o Senhor: Destruirei o homem que criei de sobre a face da terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; porque me arrependo de os haver feito. Noé, porém, achou graça aos olhos do Senhor.

Gênesis 6:5-8 (Bíblia Sagrada)

Esta pesquisa se insere na Linha de pesquisa “Procedimentos de constituição dos sentidos do discurso e do texto”. O trabalho tem como objeto de estudo a passagem bíblica que narra o momento do dilúvio, vista em comparação com o conto “Na Arca”, de Machado de Assis, e analisada na perspectiva teórica do funcionalismo, das marcas de oralidade e do jogo temporal na narrativa.

O episódio bíblico descrito no conto narra o que está escrito no livro de *Gênesis*, capítulos 6 e 7. Trata-se, biblicamente, do momento em que o mundo foi destruído pelas águas, por conta da maldade humana que havia crescido sobre a terra. Deus preservou, dentro de uma arca, apenas Noé e sua família, além de um casal de cada espécie de animal. O que vem no conto, porém, é uma versão literária dessa narrativa, inserindo nela uma briga entre os irmãos por ganância e poder.

Dentro da narratividade desse conto, o objeto de discussão é a grande presença do discurso bíblico, lembrando-se, relevantemente, que, neste episódio, a Bíblia apresenta a

narratividade como tipo de texto predominante, construindo uma história¹ particular de fatos e acontecimentos e prezando pela impessoalidade e pela veracidade. Neste trecho bíblico, a voz de Deus é predominante e os acontecimentos dentro da arca não são narrados. No conto, não é esse cuidado com a verdade nem é a ausência de opiniões que se revestem de importância, já que se trata de um texto literário e não bíblico, e essa é uma das questões de importante ancoragem, no decorrer deste trabalho.

O objetivo para a escolha desta análise é pôr em foco dois textos que, apesar de terem características parecidas, muito se diferem em alguns aspectos. O filólogo Robert Alter (2007) afirma que uma leitura coerente de qualquer obra de arte exige uma atenção minuciosa: “o conhecimento das convenções nos permite identificar padrões significativos (...); diferenciar o verossímil do fantástico; compreender os sinais de orientação numa obra narrativa, verificar o que é inovação e o que é deliberadamente tradicional em cada nexos da criação artística.” (ALTER, 2007, p.79). Há dois objetos próprios da análise, a saber: a) a extensão e a natureza daquilo que, dentro do conto, mantém-se com natureza bíblica; b) a extensão e a natureza daquilo que, sendo bíblico, é valorizado, pelo autor do conto e o que é descartado, ironizado ou referido de forma negativa ou pejorativa. O detalhamento da pesquisa apresenta como a língua em funcionamento é viva. Olhar o texto literário com teorias da Gramática Funcional é um diferencial deste trabalho.

Como início da análise, este trabalho explorou as principais características bíblicas presentes no conto. Dentro desse universo, uma questão central é investigada e discutida: quais os elementos estruturais e de uso linguístico estão na base da diferença entre texto religioso e texto literário? E, quanto ao direcionamento teórico, dado que o objetivo da investigação é, afinal, verificar as características principais de um texto bíblico, em confronto com as de um texto literário, inseridas dentro do campo da narrativa, fixa-se como altamente significativo que

¹ O termo “histórico” é utilizado neste trabalho com um sentido de narrativas históricas, principalmente, a narrativa do dilúvio, presente na Bíblia, em Gênesis 6 e 7. Não há intenção de apresentar uma historiografia rigorosa, mas sim, analisar a escrita de um fato contado através da narrativa. Sobre esse assunto, Pratt Jr. (2004) afirma que “alguns dos escritores bíblicos não tinham como intenção que seu público considerasse seus relatos como sendo históricos” (p.117), visto que, ao longo das narrativas do Antigo Testamento, encontra-se “a História escrita de maneiras que não seguem nossa tendência moderna de precisão rigorosa” (p. 120). Isso ocorre porque os relatos bíblicos envolvem um escritor, que possui um ponto de vista e o imprime em seu texto. Esse assunto será tratado com mais detalhes no capítulo 3 deste trabalho. Pratt Jr. (2004) encerra essa abordagem mencionando que “as narrativas bíblicas são interpretações da História a partir de perspectivas históricas” (p.120) e, igualmente, Alter (2007) defende que a Bíblia como história sagrada é bem diferente da historiografia moderna; “há todo um espectro de relações com a história nas diversas narrativas bíblicas (...), mas nenhuma delas supõe a necessidade de fatos documentáveis que caracteriza a história em sua acepção moderna” (p.46). Com isso dito, a análise histórica deste trabalho levará em consideração o propósito com que a narrativa de Gênesis 6 e 7 e o conto “Na Arca” foram escritos e não o relato histórico em si.

o cotejo entre os dois tipos de texto se faça também levando em consideração a teoria do tempo narrado e a do tempo comentado de Weinrich (1968).

São perguntas de pesquisa, na base: Como a mesma história é narrada no texto bíblico e no texto literário? O texto bíblico e o texto de Machado em diálogo com o texto bíblico servem a quais propósitos? O texto bíblico que narra o acontecimento do dilúvio comporta o tempo do comentário? Se não, por quê? Se sim, por quê? Quais são os principais pontos de aproximação e de distanciamento (lexical e construcional) entre os dois textos? Entende-se que, como Bíblia e literatura são língua em função, narrativamente conduzidas (obviamente de natureza grandemente discrepante), a tarefa central foi analisar, dentro de uma correlação programada, a condução do conto analisado, na sua relação com a condução da narrativa bíblica. Como referencial teórico, o trabalho está baseado, no geral, em Halliday (2001), Neves (2001), Weinrich (1968), Auerbach (2007), Marcuschi (2010), entre outros autores a ser devidamente referidos.

O questionamento principal, como já se desenvolveu nessas considerações iniciais, foi verificar até que ponto o conto escolhido guarda a narrativa bíblica e em quais momentos o texto abandona esse modo de narrativa. Como base da análise, este trabalho necessariamente desenvolveu uma investigação cuidadosa das principais características da linguagem bíblica presentes no conto.

Destaque-se que isso é possível – e é facilitado – porque a Gramática Funcional, cujos princípios são aqui adotados na base, não tem como objeto apenas o enunciado, ela está centrada na enunciação, isto é, na linguagem em seu fazer e em seu uso. Como salienta Neves (1994): “A gramática funcional considera [...] a competência comunicativa, isto é, a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.” (NEVES, 1994, p. 113). Analisar a inserção da narrativa bíblica em um texto literário é pôr a enunciação em jogo, e claramente se tem base eficiente de análise na teoria funcionalista da linguagem.

Partindo da perspectiva teórica da Gramática sistêmico-funcional, exposta em Halliday (1994), e com outros aportes a serem especificados, esta pesquisa tem como particularmente relevantes as noções tempo narrado e tempo comentado na narrativa, tendo Weinrich (1968) como principal teórico, além de também apoiar-se na teoria da análise da conversação, defendida por Marcuschi (2010) e de pôr relevo na questão hallidayana de “registro”.

O registro é avaliado em uma determinada enunciação e em um determinado tipo de texto. Se estivermos em uma conversa, por exemplo, o registro de fala terá a sua especificidade; terá outra especificidade se estivermos em um relatório ou em uma peça oratória, por exemplo,

que têm registro formal; outra, ainda, se estivermos em um *e-mail*, que tem registro distenso; e tudo exatamente porque o registro de fala se estabelece em função da especificidade da enunciação. Dentro de tal tipo de considerações, este trabalho analisou a fala do narrador literário e a das personagens presentes no conto, no sentido de verificar possíveis similaridades e possíveis diferenças existentes nesses textos.

Quanto à narratividade, o tempo narrado é apresentado como um texto em que não há marcas de intencionalidade do autor. É trazido ao leitor o enredo sem observações ou comentários. Já o tempo comentado apresenta o assunto com observações e características peculiares do autor, que pretende colocar suas impressões dentro do texto. Uma das hipóteses levantadas foi que a narrativa bíblica do dilúvio, especificamente, não apresenta tempo comentado, muito possivelmente encontrado no conto literário.

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta dissertação é a analítico-interpretativa, o que significa que primeiro se trabalhou a teoria para depois aplicá-la na análise.

As peças linguísticas submetidas à análise oferecida são o conto “Na Arca” de Machado de Assis (parte da obra *Papéis Avulsos*) e a *Bíblia Sagrada*, edição Almeida Revista e Atualizada.

Lançado em 1882, *Papéis Avulsos* é o terceiro livro de Machado de Assis e marca, ao lado de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o início do autor na fase realista. Esse conto, que tem a particularidade de ser narrado como as Escrituras, em versículos, traz à cena a discussão dos filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé sobre como irão dividir a terra quando saírem da arca.

A versão da Bíblia escolhida para análise da narrativa é a *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), segunda edição, de 1993. A escolha por essa versão deve-se à familiaridade da autora da dissertação com a leitura desta versão bíblica. É importante frisar que a ARA é uma versão que circula predominantemente em igrejas protestantes tradicionais, ou seja, essa versão é destinada a leitores sensíveis à esta versão. Os tradutores dela buscam manter a forma do texto originário (hebraico, aramaico e grego). Essa opção de tradução é denominada “equivalência formal” (FEE; STUART, 2011)². Embora não se saiba qual versão era utilizada por Machado

² Os autores definem equivalência formal como: “tentativa de manter o texto-alvo bem próximo da “forma” do hebraico e do grego, tanto em relação às palavras quanto em relação à gramática, de um modo que possa ser convenientemente entendido na língua-alvo. Quanto mais próximo o texto-alvo estiver das línguas hebraica e grega, mais próximo estará da teoria da tradução descrita muitas vezes como “literal”. (FEE, STUART, 2011, p. 50). Importante informar que toda a análise deste trabalho é em comparação a uma tradução bíblica de equivalência formal. Em outras traduções (de equivalência dinâmica ou tradução livre), podem-se encontrar aspectos que aqui são definidos como distantes da linguagem bíblica. Esses aspectos são distantes da versão escolhida para análise, e não de todas as versões/traduições bíblicas existentes.

de Assis, pode-se dizer, pelas pistas linguísticas que o conto oferece, que a ARA muito se aproxima (na forma, na construção de orações, por exemplo) da versão lida pelo autor do conto aqui analisado.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, foi feita uma apresentação do escopo teórico, tendo a Gramática Funcional como base norteadora. Além do funcionalismo, o trabalho se embasa também na análise da conversação, em especial a visão sociointeracionista, bem como na análise do tempo narrado e tempo comentado. Teóricos como Halliday (1994), Halliday e Hasan (1976), Weinrich (1968), Neves (2006, 2010 e 2018) e Marcuschi (2010) foram citados nesse capítulo.

No segundo capítulo, foram tratadas algumas peculiaridades da linguagem bíblica e da linguagem literária, propondo apresentar determinadas características em contraste dentro destes campos dialógicos. Neste capítulo também há uma explanação a respeito das marcas de oralidade em um texto literário.

A análise se encontra no capítulo três. Neste capítulo, buscou-se investigar alguns trechos do conto em diálogo com o texto bíblico e, a partir das análises, verificar as marcas linguísticas que se aproximam e se distanciam entre si. Para organização, a análise foi dividida segundo as seguintes rotulações: parte 1 – as escolhas lexicais na aproximação do conto machadiano com a linguagem bíblica; parte 2 – aspectos construcionais na aproximação do conto machadiano com a linguagem bíblica; parte 3 – as escolhas lexicais no distanciamento entre o conto machadiano e a linguagem bíblica e parte 4 – os aspectos construcionais no distanciamento entre o conto machadiano e a linguagem bíblica. O objetivo dessa divisão é que ela promova facilidade de interpretação e leitura do trabalho.

No capítulo quatro, em considerações finais, apresentou-se o resultado da pesquisa, a partir das hipóteses levantadas.

Os textos de análise se encontram em anexo neste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo busca apresentar os fundamentos teóricos que embasaram esta pesquisa. A teoria do funcionalismo auxilia a análise deste trabalho com o olhar para o funcionamento da língua, não apenas para a gramática normativa. A partir da teoria funcionalista, outros suportes são utilizados, a saber: contexto de situação e de cultura, registro hallidayiano, tempo narrado e tempo comentado.

Outro aspecto teórico abordado é a análise da conversação, visto que este ponto trará para a pesquisa subsídios para verificação de momentos de fala presentes no conto literário. O olhar sociointeracionista do autor estudado evita a dicotomia entre fala e escrita.

2.1. FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO. AS NOÇÕES ESSENCIAIS DE “CONTEXTO” E DE “REGISTRO”

As teorias abrigadas na Gramática Funcional consideram que é necessário trabalhar com as línguas a partir da reflexão sobre os usos. Isso significa que as análises têm de ir ao que a linguagem produz, verificando quais os efeitos dela “em função”. Quanto à noção de “função”, Neves (2006) traz, das lições do funcionalista Halliday, em geral a seguinte explicação:

Michael Halliday fixa-se particularmente na noção de ‘função’, vendo-a como o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo aos muitos e variados tipos universais de demanda. Ela assenta a sua gramática numa base sistêmica (e paradigmática), na qual o enunciado não parte de uma estrutura profunda abstrata, mas das escolhas que o falante faz quando o compõe para um propósito específico, com elas produzindo significado (NEVES, 2006, p. 18).

O direcionamento que aqui se dá à explicação do suporte teórico da Gramática Funcional, tem apoio especialmente nesse teórico (HALLIDAY, especialmente 1994). O motivo de ter sido esse o autor escolhido é porque se subentende que suas propostas fornecem a base necessária para explicar de maneira funcional as produções – os usos – que se encontram nos textos de análise.

A teoria da Gramática Funcional é particularmente relevante para os objetivos deste trabalho, visto que ela permite que se penetre funcionalmente nos textos, neste caso, os textos

em análise que são o Conto “Na Arca” e os capítulos 6 e 7 do livro de Gênesis. Entende-se que, a partir da análise desses dois tipos de discurso, de seu funcionamento e intencionalidade, pode-se fazer um acompanhamento da questão que é proposta para estudo prendendo-se à língua em função segundo as diretrizes sustentadas pelo Funcionalismo linguístico. Está em Neves (2006; 2018a) um amplo conjunto de lições sobre o todo da proposta hallidayiana que será aqui exposto. Elas ainda são buscadas diretamente em Halliday (1985; 1994), que também está sob estudo, com explicitação dessa teoria que põe em exame a língua funcionando, ou seja, a língua produzindo discurso e produzindo textos (a língua em função, a linguagem em produção). A base de entendimento é que só por essa via se opera uma legítima análise das produções linguísticas, tarefa que é proposta aqui, neste trabalho.

Como mostra Neves (2006) citando Halliday (1985), “as formas da língua são meios para um fim, não um fim em si mesmas” (p. 16). A partir daí, já se pode iniciar afirmando que as formas da língua, que é o que se trata neste trabalho (linguagem bíblica e linguagem literária) são meios para alcançar um determinado objetivo (assim como um público). São, pois, pontos centrais de uma gramática funcionalista: “o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao individual)” (NEVES, 2006, p. 17).

Em sua obra central, *An Introduction to Functional Grammar* (1ª edição em 1985), Halliday já chama a atenção para a natureza inesgotável da língua, o que não impede, porém, que se possa acompanhar toda a complexidade que representa a busca pelo estudo de como a língua é usada: “Todo texto – ou seja, tudo que é dito ou escrito – se revela em algum contexto de uso; ademais, são os usos da linguagem que, durante milhares de gerações, moldaram o sistema” (HALLIDAY, 1994, p.39, traduzido por Caetano, 2019, p.95).

Verifica-se claramente nos textos que são objetos de análise deste trabalho que o contexto em que eles foram escritos muito mostra a respeito de sua funcionalidade. O texto sagrado foi escrito por Moisés, juntamente com outros cinco (*Pentateuco*), a saber: *Gênesis* (origens), *Êxodo* (do Egito), *Levítico* (dos levitas, sacerdotes), *Números* (recenseamentos dos hebreus) e *Deuteronômio* ("segunda lei"). O livro de *Gênesis* narra, em seus três primeiros relatos, “o desenvolvimento universal da humanidade na criação e na recriação após o dilúvio” (*Bíblia de Estudo de Genebra*, 1999, p.6). O conto de Machado de Assis está dentro de um contexto realista; a escola literária da época já dizia muito, conforme Alfredo Bosi, “de um Brasil em crise: a extinção do tráfico acelerara a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas” (BOSI, 1994, p. 163). Com esse pano de fundo, Assis escreve com rupturas romanescas.

Exatamente são parte fundamental da teoria hallidayiana que aqui se desenvolve as noções de “contexto” e de “registro” que se encontram na base de toda produção linguística, e esse vai ser um ponto teórico de desenvolvimento especial neste trabalho. Intimamente ligadas, essas noções dão conta, exatamente, da diferente natureza de textos que se produzem em diferentes “contextos” de uso (contexto “de cultura” e contexto “de situação”) e, por isso mesmo, que se produzem diferentemente marcados em seu “registro” de uso.

Como está em Neves (2018a), é a cultura que constrói a possibilidade de produção de significados no uso: pode-se dizer que no “contexto de cultura” se definem os gêneros do discurso, enquanto no “contexto de situação” (o contexto daquele uso particular) se definem os registros, e ambos atuam no modo de produção de cada porção de linguagem.

Está em Ghio et al. (2017) que o contexto determina parcialmente as características próprias que um texto venha a ter: claramente “os textos criam seus contextos e os contextos são determinados por esses textos” (p.25).

Halliday (1985) propõe, como apresenta Neves (2010), a indissociabilidade entre o texto e as implicações do contexto de uso. Como afirma o linguista: “Cada texto – isto é, tudo o que se fala ou escreve – desenvolve-se em um contexto de uso; além disso, foram os usos linguísticos que, por dezenas de milhares de gerações, moldaram o sistema” (HALLIDAY, 1985, citado por NEVES, 2010, p.75). Essa fala revela a importância atribuída às escolhas na situação de uso.

A gramática de Halliday é apresentada como sistêmica e funcional. Como sistêmica, ela coloca como categoria central o sistema. Como funcional, “essa gramática tem como categoria central a função, dirigindo-se para o modo como a língua é usada, com relevância para as determinações sociais de toda espécie que levam às escolhas plenas de significado, entre as opções disponíveis para o falante”. (NEVES, 2010, p. 75). É nesse ponto que a noção de contexto aparece em Halliday.

Halliday e Hasan (1976) registram que, “quanto mais podemos caracterizar o contexto de situação, mais podemos predizer as propriedades de um texto nessa situação”. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.22). Essa mesma obra define contexto de situação como “o conjunto de todos os fatores externos que afetam as escolhas linguísticas que quem fala ou escreve faz” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.21).

Neves (2010) sintetiza o papel do contexto dentro do texto da seguinte maneira:

Como diz Halliday (1978:143-145), campo, modo e relação, “tomados juntos, constituem a situação, ou contexto de situação, de um texto”. É o que ele configura como o “ambiente ou contexto social da linguagem”, que se estrutura, exatamente,

como um *campo* de ação social significativa, uma *relação* de interação entre papéis, e um *modo* de organização simbólica. (NEVES, 2010, p.77).

A autora descreve o modo como esse contexto determina as espécies de significado, a saber: campo, modo e relação (ou tenor).

O *campo*, conforme Neves (2010), “é o evento total no qual o texto funciona juntamente com a atividade e o propósito de quem fala e/ou escreve”. (NEVES, 2010, p. 77). É apresentada no campo a ação social em que o discurso está e a configuração da linguagem para representar esse meio social. O campo da obra fonte (a Bíblia) é o religioso no geral e o texto bíblico no particular. Seu propósito comunicativo é conduzir os fiéis a um caminho de salvação, arrependimento e reflexão. Já o campo da obra analisada (o conto literário) é no geral o da literatura brasileira e no particular é o realismo, em que se encontra uma linguagem direta, sem romantismo, sem preocupação de como será a receptividade do leitor frente ao texto. O propósito comunicativo é imitar o texto bíblico de maneira irônica e chocar o leitor, ao usar um texto sagrado como base e apresentar uma briga entre os irmãos, a partir de “três capítulos inéditos” – com esse subtítulo, subtende-se que a Bíblia não está completa – repleta de expressões e vocábulos populares, como “Vai bugiar!” (ASSIS, 2008, p. 63) e “Vai plantar tâmaras!” (ASSIS, 2008, p. 64).

Já o *modo* é definido por meio da seleção de opções no sistema textual. É a “função do texto no contexto”. (NEVES, 2010, p.77). Tanto no texto bíblico como no conto, o canal da linguagem é o escrito e o modo retórico é o narrativo. Importante frisar que, apesar de haver momentos de diálogo no conto que parecem construções da conversação espontânea, esses diálogos estão presentes em um texto de canal escrito e sua análise precisa ser vista a partir de uma construção intencional e estética.

A *relação*, por fim, refere-se ao tipo de interação de papéis (poder, envolvimento afetivo e contato) entre os participantes envolvidos. A Bíblia possui um poder de persuasão muito forte entre os seus fiéis, que a veem como regra de fé e prática. O que está escrito ali é considerado sagrado e deve ser lido com reverência. O leitor bíblico é um leitor sensível. Já o leitor de Machado, era um leitor elitizado, que lia jornais (a primeira publicação do conto foi em um jornal, como será visto adiante) e que provavelmente tinha posses. Esse leitor, também, era influenciado pela religião.

Neves (2010) compara, no quadro a seguir, um resumo da ligação que Halliday faz da linguagem como produção de significado, que gera cultura. Com base nas obras de Halliday (1976; 1978), Halliday e Hasan (1976; 1989) e Eggins (1994), Neves (2010) compara os dois conceitos, a saber:

Contexto de situação	Contexto de cultura
É mais particular e restrito: é a concretização da comunicação em um dado ambiente particular.	É mais abstrato e geral (Eggins, 1994): constitui parte de um sistema social (Halliday, 1978).
É real: é o modo como se efetivam as possibilidades na língua.	É "potencial" (Halliday, 1973): constitui as possibilidades de produção de sentido existentes na língua (Halliday, 1978).
É o ambiente em que se faz uma seleção particular dentre as possibilidades de uso.	É o ambiente em que se desenvolvem as diversas possibilidades de uso linguístico disponíveis (Halliday; Hassan, 1989).
Associa-se ao registro: é a ligação entre o texto e seu microcontexto.	Associa-se ao gênero (Eggins, 1994): é a ligação entre o texto e o seu macrocontexto.
AMBOS	
São elementos importantes à observação da linguagem, pois integram a distinção entre o "potencial" (a gama de possibilidades disponíveis na linguagem - contexto de cultura) e o "real" (a escolha entre as possibilidades - contexto de situação) (Halliday, 1973). A análise de ambos os contextos contribui para a compreensão de como os indivíduos usam a linguagem.	
A RELAÇÃO ENTRE ELES	
A chave está na afirmação de Halliday (1978, p.34) de que a linguagem é a "habilidade de 'significar' em determinados tipos de situação, ou contextos sociais, que são gerados pela cultura". A cultura constitui, pois, a potencialidade de produção de significados nas situações reais de uso.	

(Quadro 4. Contexto de situação e de cultura. NEVES, 2010, p.78)

Analisar o texto literário e a narrativa bíblica tendo por base a teoria do contexto de situação e de cultura é de grande valor para o que é proposto neste trabalho.

O conceito de registro, por sua vez, abrange a variedade de uso de acordo com a situação: a interpretação sempre será realizada em função do registro que o texto comporta.

Um exemplo dado na obra é o texto da Constituição Nacional. O prólogo desse texto, em sua íntegra, possui um objetivo; se fosse encontrado em um livro didático para ensinar sobre Direito, seria o mesmo texto, porém, com outra finalidade. Por fim, o texto da Constituição

utilizado em um discurso político (como foi o caso de Raúl Afonsin, candidato à presidência da Argentina em 1983), estava funcionando como um outro texto.

As noções de registro são úteis para a análise deste trabalho exatamente por conta do contexto em que cada texto foi escrito. Ambos contam a mesma história com finalidades e funções diferentes. É uma mesma materialidade textual habilitando dois contextos que se criam (o sacro e o literário). O registro auxilia na interpretação funcional do texto, como bem explicam Ghio et al. (2017, p.26): “O texto não é somente uma unidade de descrição e explicação. Descrevemos os recursos gramaticais e explicamos seu funcionamento para validar uma interpretação desse texto em um contexto no qual ele efetivamente se produz ou está inscrito”.

Os autores analisam a obra de Halliday chegando à seguinte conclusão: a linguagem é um sistema de opções e a estrutura é a realização efetiva de algumas dessas opções, ou seja, o registro de um texto é uma escolha de um conjunto de opções, realizada por um sujeito social e cultural:

Nossa cultura é uma cultura textual em um sentido amplo. A ideia de que o texto é um processo de natureza cultural o insere necessariamente na história e na sociedade em que esse texto se produz. Nós interpretamos um texto em um momento determinado da cultura e essa interpretação pode variar de acordo com esse momento (GHIO et al., 2017, p. 27).

Halliday (2001) afirma que, ao mesmo tempo que a noção de registro é algo simples, ela é muito importante: “o que faz a teoria de registro é tratar de mostrar os princípios gerais que regem essa variação, para que possamos começar a compreender *que* fatores de situação determinam *que* características linguísticas” (p. 46). Mais do que analisar a gramática pura e simples, Halliday faz questionamentos extremamente pertinentes como este: “*que* tipos de fator de situação determinam *quais* tipos de seleção do sistema linguístico”? (HALLIDAY, 2001, p. 47). Assim, nos textos analisados neste trabalho é importante verificar quais fatores de situação determinaram a seleção da escrita de um texto bíblico e um texto literário.

As Escrituras são conhecidas como *texto sacro*. É importante verificar que a linguagem utilizada em diferentes versões da Bíblia sempre preza pelo “contexto situacional da sensibilidade, que é o processo de interação verbal entre o autor divino e o receptor humano” (LOPES, 2008, p. 16). Já o texto literário seleciona partes do sistema linguístico que importam para aquele momento. A literatura, como arte e estética, apresenta as impressões do autor em relação ao tema que será tratado em sua obra. No conto analisado, algumas vezes Machado de Assis se utiliza de palavras esdrúxulas, construções irreverentes, por conta de sua marca literária de ironia e de crítica da linguagem bíblica. Vê-se nestes exemplos como o fator de situação determina a escolha do sistema linguístico.

Na contraparte, conforme Halliday e Matthiessen (2004, citados por Santos, 2021), verifica-se que, dentro do contexto, a maneira como um falante se dirige a outro mostra também o tipo de relação entre as partes: “a linguagem estabelece um nível hierárquico entre os próprios interlocutores e revela, para terceiros que tomam conhecimento da interação, distintas informações como o grau de afetividade, intimidade e cortesia compartilhado entre falante e ouvinte” (SANTOS, 2021, p. 53). Esse tipo de observação é fundamental para que se possa acompanhar a efetividade da linguagem dentro de um contexto, ou seja, para que se possa acompanhar a própria produção de texto, que é, afinal, a produção de linguagem: exatamente a “língua em uso”. O objeto de análise nesta pesquisa é o texto escrito. No tópico sobre língua literária e língua oral, serão abordadas com mais detalhes as particularidades de cada texto.

Os dois textos aqui em análise escrevem para um interlocutor particular: o texto bíblico é escrito para pessoas que creem nele como única regra de fé e prática. O leitor da Bíblia não procura somente a narrativa; ele procura, naquela narrativa específica, retirar um aprendizado para a vida. Simms (1997, citado por Lopes, 2008) apresenta o conceito “sensibilidade”: há um texto sensível, um leitor sensível e um receptor sensível ao se tratar de texto bíblico sacro. Já o texto machadiano é escrito para ser lido por brasileiros que, segundo aponta Bosi (1994, p.177) “perderam as ilusões românticas”.

Encontram-se, aqui, pois, para análise, dois textos que têm cada um a sua natureza particular: diferentes propósitos, diferentes sentidos e diferentes formatos. E, muito marcadamente, cada um tem seu contexto particular – e bastante distinto – de produção: são o sacro bíblico e o mundano literário, cada um a compor diferentes sentidos pretendidos (interpretáveis em cada contexto), e, afinal, tudo com vista a evidenciar e a cumprir os propósitos comunicativos relevantes para tal contexto e para tais interpretações particulares. De um lado, busca-se atingir funcionalmente um leitor meditativo de Bíblia (comprometido); de outro lado, busca-se atingir um leitor fruidor de literatura (em princípio, descomprometido de tudo).

Nesse universo fica muito evidenciada a pertinência da proposta teórica funcionalista – e especialmente a hallidayiana – neste trabalho. Estão em Neves (2006) três pontos centrais numa gramática funcionalista que exatamente se mostram pertinentes à nossa análise: o uso (em relação ao sistema); o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao individual). Halliday (1994) diz que “uso e significado são aspectos essenciais para se entender a linguagem humana” (HALLIDAY, p.39; traduzido por CAETANO, 2019, p.96). O significado é construído em função do uso. Verificar o uso e o significado de cada texto aqui

faz toda a diferença na análise: “a linguagem, por natureza, é funcional” (NEVES, 2006, p. 18). Marcuschi (2010) corrobora com esse pensamento, ao dizer que:

“A língua não é um simples sistema de regras, mas uma atividade sociointerativa que exorbita o próprio código como tal. Em consequência, o seu uso assume um lugar central e deve ser o principal objeto de nossa observação porque só assim se elimina o risco de transformá-la em mero instrumento de transmissão de informações. A língua é fundamentalmente um fenômeno sociocultural que se determina na relação interativa e contribui de maneira decisiva para a criação de novos mundos e para nos tornar definitivamente humanos”. (MARCUSCHI, 2010, p. 125).

Pensar na linguagem a partir do seu uso, do seu significado e da sua função social abre o caminho para uma análise com base na oralidade e na gramática funcional de maneira efetiva, entendida não apenas como entidade sintática, mas também, de acordo com Neves (2006), como a união do estrutural com o funcional:

Rejeitada uma preocupação com a pura competência para a organização gramatical de frases, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração das estruturas linguísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios linguísticos de expressão das funções a que serve a linguagem que, por natureza é funcional. (NEVES, 2006, p. 18).

Essa é a principal definição da gramática funcionalista: olhar para a estrutura como algo muito maior do que sintaxe. É língua em funcionamento, reflexiva, intencional e, sobretudo, viva.

Outro ponto importante neste trabalho é analisar trechos do conto sob a perspectiva do tempo narrado e tempo comentado. Para responder uma das questões de pesquisa, é necessário entender a noção de tempo verbal apontada principalmente por Weinrich (1968). Passa-se agora para uma breve explanação a respeito dessa teoria.

2.2. TEMPO NARRADO E TEMPO COMENTADO

Os tempos verbais são, geralmente, trabalhados de maneira descontextualizada e mecânica nas gramáticas normativas e dentro do universo escolar. Contudo, os verbos possuem uma função que ultrapassa a marcação cronológica. Santos (2011) evidencia que

não podemos limitar a abordagem dada aos verbos, enquadrando-os em um sistema fixo de oposições: presente, passado ou futuro, delimitando o tempo que representa e conseqüentemente, a função que exerce. Pelo contrário, os tempos verbais devem ser vistos como flexíveis, analisando-se a forma e a função que desempenham em determinado enunciado. (SANTOS, 2011, p. 178).

Lerner (2017) apresenta estudos realizados por Weinrich (1968) sobre as relações de tempo, em que demonstram que o verdadeiro significado dos tempos verbais se encontra nas diferentes atitudes comunicativas que o discurso expressa. Assim, o tempo verbal informa como o falante apresenta o mundo ao seu ouvinte.

Weinrich (1968, citado por Lerner, 2017) engloba as situações comunicativas em dois grandes grupos: o do tempo narrado e o do tempo comentado. Quando o falante utiliza na narrativa o tempo do comentário, o ouvinte tem de estar atento, pois não é o tempo em si que interessa, mas sim aquilo que está em jogo na narrativa, e o enunciado já foi filtrado pela narração do falante. Trata-se, pois, da perspectiva comunicativa denotada pelos tempos verbais, que descrevem a atitude do narrador frente ao relato.

Assim diz Weinrich (1968, citado por Lerner, 2017):

as situações comunicativas nas quais atualizamos a linguagem são diversas às situações da vida e nenhuma é igual a outra, isso, porém não exclui a possibilidade de entender sua tipologia. Essa tentativa constitui ao mesmo tempo uma tarefa da linguística, pois a linguagem não se atualiza no vazio, mas em situações concretas nas quais se encontram e condicionam mutuamente “comportamentos” linguísticos. (WEINRICH, 1968, citado por LERNER, 2017, p. 29).

Como visto, o autor propõe que é possível estabelecer uma tipologia dos tempos verbais segundo o discurso e que essa é uma tarefa da Linguística. O primeiro grupo, o tempo do mundo comentado, tem por base o presente, o qual se organiza em função do pretérito e do futuro; o segundo grupo, o do tempo do mundo narrado, tem como tempos verbais predominantes o pretérito imperfeito e o perfeito.

Weinrich (1968, citado por LERNER, 2017) mostra que há situações e gêneros discursivos nos quais prevalece o tempo narrado e outros em que predomina o tempo comentado. A escolha central entre o domínio do tempo narrado ou o do comentado, em um texto, permite ao enunciador exercer alguma influência sobre a atitude do enunciatário em relação ao enunciado.

No exemplo a seguir, percebe-se como o rastreamento dos tempos verbais permite acompanhar a narrativa dos fatos com toda a entremeação de vozes e reações que acompanham a história narrada:

1. Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: - "Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela. 2. - "Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de madeira; entra nela tu, tua mulher e teus filhos. 3. - "E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais. 4. - "Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor. e todos os homens pereceram, e

fecharam-se as cataratas do céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia. (ASSIS, 2008, p. 44 e 45)

O conto se inicia com o tempo narrado: *então disse* significa “em um determinado momento após algo ocorrido” que, no caso, é a entrada da família de Noé na Arca e a destruição da terra com o dilúvio. Após esse fato, Noé se dirige a seus filhos informando a saída deles da Arca, pois a promessa do Senhor se cumpriu, promessa essa expressa pelo próprio Senhor.

O plano de viver-se em paz e em concordância é demonstrado na fala de Noé, ao final do trecho que acaba de ser citado. Entretanto, no decorrer da narrativa, as falas das personagens deixam ver uma atitude diferente da que era esperada por Noé.

Outra lição de Weinrich (1968) é a seguinte: “O grupo II (tempo narrado) predomina na novela e em todo tipo de narração oral ou escrita, exceto nas partes dialogadas intercaladas” (citado por Lerner, p.30). As narrativas têm planos que se cruzam, enlaçando o tempo dos fatos e a visão do narrador sobre os fatos. Exemplo disso está no seguinte trecho de narrativa:

19. - E respondendo Sem: - "É meu!" Jafé fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe; Jafé, porém, espumando de cólera, tornou a apertar o irmão, e os dois lutaram braço a braço, 20. - Suando e bufando como touros. 21. - Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces; ora vencia Jafé, 22. - Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu. (ASSIS, 2008, p.47)

Para análise, é importante ressaltar que Weinrich (1968) citado por Santos (2011) apresenta a teoria da metáfora temporal, que ocorre quando há o emprego de um tempo de um dos mundos no interior do outro. É relevante assinalar que o uso da metáfora temporal não se dá de forma aleatória, sem objetivos determinados. No capítulo 3 deste trabalho, há um tópico cujo objetivo é analisar o uso da metáfora temporal, bem como o campo semântico e morfológico dos verbos em um trecho do conto.

Essa é uma questão de grande importância neste trabalho, que se dedica ao estudo de um tipo especial obra narrativa, a narrativa bíblica, cruzada com uma narrativa literária. Veja-as que, nesse trecho transcrito de Machado de Assis, expressões como “suando e bufando como touros” (Assis, 2008, p. 47) e “esmurrando-se um ao outro” (Assis, 2008, p. 47) apresentam o comentário do narrador diante da situação de briga dos irmãos. Obviamente seriam expressões incomuns na versão bíblica escolhida, visto que, como já foi explanado, a linguagem bíblica da versão tradicional é sensível, destinada a religiosos que professam a fé apresentada.

Observa-se, também, e muito relevantemente, que o tempo comentado não existe neste trecho do texto bíblico. Isso porque, especificamente nesta parte de Gênesis, sua função é narrar

o fato para dele se ter conhecimento. O objetivo de narrar-se o dilúvio, por exemplo, é apresentar a ordem dada por Deus e a obediência de Noé em construir a arca.

2.2.1. Tempo verbal na narrativa

As gramáticas normativas apresentam uma diversidade de conceitos para verbo e tempo verbal. Duas gramáticas serão verificadas com o objetivo de estabelecer um paralelo entre a abordagem dada ao verbo pela gramática normativa e o enfoque sociocomunicativo de Weinrich (1968).

Bechara (2009, p. 209) define verbo como “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical” e Cegalla (2005, p.194) compartilha da mesma visão ao afirmar que o verbo “reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz”. Ambos apresentam os três tempos de forma delimitada em presente, passado e futuro, a saber:

Os tempos do verbo são:

- a) PRESENTE – em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: *eu canto*;
- b) PRETÉRITO – em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos e subdividido em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*: *cantava* (imperfeito), *cantei* (perfeito) e *cantara* (mais-que-perfeito);
- c) FUTURO – em referência a fatos ainda não realizados e subdividido em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*: *cantarei* (futuro do presente), *cantaria* (futuro do pretérito), que implica também a modalidade condicional. (BECHARA, 2009, p. 221).

Em Cegalla (2005) encontra-se também a definição puramente sintética: “Os tempos situam o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (durante o ato da comunicação, antes ou depois dele). São três os tempos verbais: presente, pretérito e futuro.” (CEGALLA, 2005, p. 195).

Nestas classificações pode-se observar que as gramáticas normativas geralmente apresentam os três tempos de forma sintética, delimitando-os e definindo-os de forma fixa, independente do contexto.

Weinrich (1968), por sua vez, amplia as abordagens analisando os tempos verbais sob uma perspectiva sociocomunicativa, a partir da teoria da metáfora temporal. Metáfora é uma figura de linguagem que cria novos significados (ressignifica) uma palavra dentro de um contexto. A metáfora temporal, da mesma maneira, cria novos contextos (ressignifica) o uso de determinado verbo próprio do mundo comentado no mundo narrado ou vice-versa.

Nas narrativas ficcionais, pode-se considerar que o elemento que ganha destaque especial é exatamente o tempo, sendo importante o exame desse tipo de escolha. Dancygier

(2019, p.2) observa que a escolha do tempo mais comum no texto narrativo é a do passado, “assumindo uma distância temporal entre o ato de contar a história (por um narrador não muitas vezes identificado) e os eventos descritos”.

Apesar de as narrativas terem, em geral, mais numerosa escolha pelo tempo passado, obviamente não se pode afirmar que essa é a única forma de narrar. O jogo temporal é percebido em inúmeros textos, como se vê no seguinte trecho do conto analisado:

1. Então Noé **disse** a seus filhos Jafé, Sem e Cam: - "**Vamos** sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca **tem de parar** no cabeço de uma montanha; **desceremos** a ela. (ASSIS, 2008, p. 45)

Nesse trecho, observa-se que a fala do narrador é constituída no passado. Quando a personagem fala, porém, o tempo utilizado é o presente, e esse é modelo de construção encontrado em quase todo o texto. Há regularidade no fato de a fala do narrador vir no passado e a fala da personagem vir no presente, já que esse movimento distancia o narrador do leitor, podendo-se apontar que o leitor é alguém que observa as atitudes, mas se mantém alheio, em relação ao narrado. Já a fala das personagens no presente faz aproximação com o leitor. Koch (1996) destaca que “o emprego dos tempos “comentadores” constitui um sinal de alerta para advertir o ouvinte de que se trata de algo que o afeta diretamente e de que o discurso exige a sua resposta (verbal ou não verbal); esta é a sua função, e não a de mencionar um momento no Tempo.” (KOCH, 1996, p.195).

Na frase “agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor” (Assis, 2008, p. 45) vem sinalizado um fato que ocorreu no passado em que o dilúvio já aconteceu. Chama a atenção o uso do **agora** em narrativas passadas, o que entretanto é comum no texto bíblico, como por exemplo nos versículos:

*“mas, **agora**, escureceu-se-lhes o aspecto mais do que a fuligem”* (Lamentações 4:8);

e

*“o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; **agora**, todavia, se **manifestou** aos seus santos”* (Colossenses 1:26).

Lee (2017) descreve os usos do **agora** no passado marcando mudança de estado, algo que ocorre tanto no conto literário quanto nos versículos bíblicos exemplificados. O que se obtém, e com grande relevância, é uma presentificação que vivifica a narrativa.

Dancygier (2019) mostra que a construção do tempo na narrativa está intimamente correlacionada com a estrutura do ponto de vista do narrador e com o significado real da narrativa. Os seguintes exemplos são úteis para ilustrar essa afirmação do autor: no caso do que vem a seguir, depois que Noé informa aos filhos que eles sairão da Arca, Jafé começa a imaginar como será a vida deles fora da Arca e comenta:

6. (...) –“Aprazível vida **vai ser** a nossa. A figueira nos **dará** o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda. 7. Porquanto **seremos** únicos na terra, e toda a terra **será** nossa, e ninguém **perturbará** a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens. (ASSIS, 2008, p. 45).

O uso que se escolhe é, então, o do futuro do presente, e a mesma escolha ocorre nos diálogos seguintes, em que os irmãos planejam a divisão da terra entre si:

12. — “E a minha terra se **chamará** terra de Jafé, e a tua se **chamará** a terra de Sem; e **iremos** às tendas um do outro, e **partiremos** o pão da alegria e da concórdia.” (ASSIS, 2008, p.45).

Assim, enquanto o diálogo ia pelo caminho da concórdia, a conversa dos irmãos era apresentada no futuro do presente. Entretanto, um questionamento surgiu, o que resultou no início da discussão entre os irmãos, a qual será narrada até o final do conto, no presente:

15. — “Pois que te não **serve** o pau, **fico** eu com o rio, e as duas margens; e para que não **haja** conflito, **podes** levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga. (ASSIS, 2008, p.45).

Santos (2011) afirma, com base nos estudos de Weinrich (1968) que

Outro aspecto interessante da teoria da metáfora temporal é a presença do diálogo no mundo narrado, considerando que o autor tem a opção de utilizar o discurso indireto. Nessa direção, de acordo com Weinrich (1968) o discurso direto é um recurso utilizado pelo autor para tornar a presença da personagem mais acentuada, perceptível, tornando a história mais dinâmica. (SANTOS, 2011, p. 186).

Os tempos no presente, no contexto do diálogo das personagens, representam maior engajamento, relevância e tensão aos fatos apresentados, o que envolve o leitor em um mundo amplamente comentado dentro de um mundo narrado.

Por outro lado, o narrador descreve toda a briga no pretérito perfeito, de maneira impessoal e com grande carga de observação, por exemplo, em:

20. — Ouvindo isto, Cam **atemorizou-se** muito, e **começou a aquietar** os dois irmãos. (ASSIS, 2008, p. 46)

E ao final de cada capítulo, a frase narrativa vem no pretérito imperfeito:

22. — A arca, porém, **boiava** sobre as águas do abismo. (ASSIS, 2008, p. 46)

Fica evidente que o uso desse tempo verbal, de aspecto imperfectivo, durativo, entra nesse ponto a serviço da narrativa, para mostrar que, apesar de toda a briga e discórdia entre os irmãos, a arca continuava a boiar, da mesma maneira que boiava quando o dilúvio começou.

É com a estruturação sequencial das diferentes predicções que se sucedem que as vozes das personagens entram organizadamente no todo do texto, a saber:

- a) pretérito perfeito do indicativo: voz do narrador onisciente e observador;
- b) futuro do presente do indicativo: primeiro momento de imaginação dos irmãos Sem, Cam e Jafé de como será a vida fora da arca;
- c) presente do indicativo: diálogo das brigas entre os irmãos Sem e Jafé;
- d) pretérito imperfeito do indicativo: final de cada capítulo.

Como se pode verificar, a escolha sequencial das diferentes formas verbais, nos diversos momentos da ‘história’ que se conta, pode ser analisada na linearidade que a narrativa organiza. Esse ponto da investigação é relevante, pois ressalta a importância de se trabalhar os tempos verbais inseridos em uma situação comunicativa, considerando-se não apenas os aspectos estruturais, mas também os aspectos relacionados ao sentido.

Sendo assim, não se pode limitar a abordagem dada ao verbo a um sistema fixo de tempo: presente, passado e futuro. É de extrema importância considerar o tempo verbal de maneira flexível, analisando principalmente a função que o tempo desempenha em determinado enunciado. Esse olhar apresenta o caráter mutável e funcional da língua.

2.3. MARCAS DE ORALIDADE

Como se verá, o texto de Machado de Assis apresenta marcas de oralidade no diálogo entre as personagens. É importante analisar a teoria da conversação para verificar quais marcas foram utilizadas nos diálogos pelo autor do conto, de forma estilística. O teórico principal deste ponto do trabalho é Antônio Marcuschi (2010). Segundo a visão defendida pelo autor, visão *sociointeracionista das modalidades linguísticas* (MARCUSCHI, 2010, p. 32), língua falada e

língua escrita não devem ser consideradas antagônicas, visto que podem ser encontrados textos orais com algumas características de texto escrito e vice-versa.

O autor organiza quatro tendências de estudos que se ocupam da relação entre fala e escrita, a saber: a perspectiva das dicotomias, a tendência fenomenológica de caráter culturalista, a perspectiva variacionista e, por fim, a perspectiva sociointeracionista.

A primeira delas é de “maior tradição entre os linguistas” (MARCUSCHI, 2010, p. 27). Ela se dedica à análise das relações entre as duas modalidades de uso da língua e percebe sobretudo as diferenças na perspectiva da dicotomia (fala *versus* escrita). Segundo o autor, “a perspectiva da dicotomia estrita tem o inconveniente de considerar a fala como o lugar do erro e do caos gramatical, tomando a escrita como o lugar da norma e do bom uso da língua. Seguramente, trata-se de uma visão a ser rejeitada.” (MARCUSCHI, 2010, p.28).

Esta perspectiva deixa bem clara a distinção entre língua falada e língua escrita, como se pode perceber na tabela abaixo:

fala	<i>versus</i>	escrita
contextualizada		descontextualizada
dependente		autônoma
implícita		explícita
redundante		condensada
não planejada		planejada
imprecisa		precisa
não normatizada		normatizada
fragmentária		completa

(Quadro 1, Dicotomias estritas. Marcuschi, 2010, p. 27).

Essa visão dicotômica não favorece ao que é exposto nesta pesquisa, visto que o que é considerado aqui é que os usos definem a língua, e não o contrário.

A segunda tendência trazida por Marcuschi (2010) é a visão culturalista, a qual observa a natureza das práticas da oralidade, com análise de cunho cognitivo, antropológico ou social. Estudiosos dessa linha procuram identificar, de maneira oposta, as mudanças existentes nas sociedades em que se introduziu o sistema de escrita. O quadro a seguir apresenta um resumo dessas oposições apresentadas por Marcuschi (2010):

cultura oral	<i>versus</i>	cultura letrada
pensamento concreto		pensamento abstrato
raciocínio prático		raciocínio lógico
atividade artesanal		atividade tecnológica
cultivo da tradição		inovação constante
ritualismo		analiticidade

(Quadro 2, Visão culturalista. Marcuschi, 2010, p. 29).

A visão culturalista é considerada por Marcuschi (2010) como pouco adequada para a observação dos fatos linguísticos. Nesta segunda tendência, também há uma valorização quanto à escrita, de forma mais global e abrangente. A “sociedade letrada”, criticada por Marcuschi (2010), possui maior conhecimento e maior adesão à cultura.

Esta perspectiva também não favorece ao que é proposto neste trabalho. Vejam-se as características da terceira tendência definida por Marcuschi (2010).

A perspectiva variacionista não faz uma distinção entre fala e escrita, como encontrada nas duas primeiras. Esta perspectiva se propõe a observar as variedades linguísticas distintas. Nesta tendência, todas as variedades se submetem a algum tipo de norma. O quadro a seguir exemplifica a perspectiva variacionista:

fala e escrita apresentam	
língua padrão	variedades não padrão
língua culta	língua coloquial
norma padrão	normas não padrão

(Quadro 3, A perspectiva variacionista. Marcuschi, 2010, p. 31).

Apesar de não ser tão dicotômica, esta perspectiva apresenta algumas fraturas. Para Marcuschi (2010), a decisão quanto à escolha do que será ou não padrão é “muito menos linguística do que ideológica.” (MARCUSCHI, 2010, p.31). A posição do autor é a de que “fala e escrita não são propriamente dois **dialetos**, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna **bimodal**. Fluente em dois modos de uso e não simplesmente em dois dialetos.” (MARCUSCHI, 2010, p.32, grifos do autor).

A perspectiva variacionista não será considerada neste trabalho, visto que esta pesquisa considera a influência da fala na escrita não como uma variação, mas sim uma forma de construção.

A perspectiva que mais se aproxima e que pode ser o modelo escolhido para uso neste trabalho é a última apresentada por Marcuschi (2010), a saber, a sociointeracionista. Esta perspectiva “trata das relações entre fala e escrita dentro da perspectiva dialógica” (MARCUSCHI, 2010, p. 32).

Na perspectiva sociointeracionista, não há uma divisão entre fala e escrita. A partir dos estudos de Marcuschi (2010), fala e escrita apresentam “dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade.” (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

Este modelo é vantajoso pois percebe com maior clareza “a língua como fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas que marcam as características mais salientes da fala, tais como as estratégias de formulação em tempo real.” (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

Nesta visão sociointeracionista se tem a possibilidade de “tratar os fenômenos de compreensão (...) na interação entre leitor e texto escrito, de maneira a detectar especificidades na própria atividade de construção dos sentidos.” (MARCUSCHI, 2010, p. 33).

Esta linha auxilia na análise desta pesquisa, pois, como se pode observar, ela se orienta numa linha discursiva e interpretativa. Conforme Marcuschi (2010), esta perspectiva tem “grande sensibilidade para as estratégias de organização textual-discursiva preferencial na modalidade falada e escrita.” (MARCUSCHI, 2010, p. 34).

A visão sociointeracionista ocorre em um *continuum*³ de relações entre modalidades, gêneros e contextos socioculturais, distanciando das posições dicotômicas. Marcuschi (2010) afirma que “na realidade, temos uma série de textos produzidos em condições naturais e espontâneas nos mais diversos domínios discursivos das duas modalidades (fala e escrita). Os textos se entrecruzam sob muitos aspectos e por vezes constituem domínios mistos.” (MARCUSCHI, 2010, p. 38).

A pesquisadora Koch (2006) possui uma posição semelhante à de Marcuschi (2010), ao definir que fala e escrita pertencem ao mesmo sistema linguístico (duas modalidades de uso da

³ Marcuschi se utiliza da expressão *continuum*, referindo-se à “relação escalar ou gradual em que uma série de elementos se interpenetram, seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante.” (MARCUSCHI, 2001, p.35).

língua). Para Koch (2006), certos textos escritos poderiam estar embasados na perspectiva da fala e vice-versa:

O que se verifica, na verdade, é que existem textos escritos que se situam no contínuo, mais próximos ao pólo da fala conversacional (bilhetes, cartas familiares, textos de humor, por exemplo), ao passo que existem textos falados que mais se aproximam do pólo da escrita formal (conferências, entrevistas profissionais para altos cargos administrativos e outros), existindo, ainda, tipos mistos, além de muitos outros intermediários. (KOCH, 2006,p.44).

Esta relação entre fala e escrita defendida principalmente por Marcuschi (2010) e Koch (2006) será importante para análise pretendida neste trabalho.

Como explanado do decorrer deste tópico, Marcuschi (2010) afirma que fala e escrita são modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas. Não são dicotômicas e nem possuem um nível de superioridade uma em relação à outra: “deve-se considerar o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que esta relação não é homogênea nem constante”. (MARCUSCHI, 2010, p. 35).

A fala varia e a escrita varia. Marcuschi (2010) aponta para a necessidade de se adotar um componente “funcional para analisar a relação fala *versus* escrita enquanto modalidade de uso” (MARCUSCHI, 2010, p. 35).

3. A LINGUAGEM BÍBLICA E A LINGUAGEM DA LITERATURA

3.1. NA ARCA DE MACHADO DE ASSIS

É necessário, neste momento, entrar um pouco *na arca* de Machado. Publicado primeiramente no jornal *O Cruzeiro*, em 1878, o conto apresenta a narrativa de uma discussão entre os filhos de Noé a respeito da terra que herdarão pós-dilúvio. Aguilar (2020) afirma que “os sentidos de um texto muito têm a dever aos meios de publicação em que o escrito veio a público”. (p.1). A pesquisadora comenta que o conto publicado tanto no jornal como no livro *Papéis avulsos* (1882) foi mantido praticamente na íntegra, sem alterações. Foi retirado um texto introdutório, que trazia um pseudônimo Eleazar – um tradutor bíblico que encontrou os escritos na casa de Caifás (ASSIS, 1878, p.1). O tradutor acredita que sejam capítulos perdidos de Gênesis, o que, ironicamente, apresenta o conto como mais verdadeiro do que a Bíblia. Ao final deste trabalho, no Anexo C, há o fragmento da introdução escrita originalmente no jornal, para conhecimento.

No conto, apresenta-se um narrador onisciente e neutro, alheio aos fatos que ocorrem, a partir de uma visão de fora da história. Seus comentários ficam apenas na passagem da voz da personagem. As personagens, porém, são os que trazem a paródia e a ironia em seu discurso: “Machado teria utilizado o espaço do rés do chão do jornal para testar novos modos de escrita, flertando com elementos de paródia, humor e do fantástico, não só em ‘Na arca’, mas em alguns textos que o autor escolheu não incluir em futuras publicações em livro.” (AGUILAR, 2020, p.5). Aguilar (2020) ainda apresenta um notável significado de o que viria a ser o rés do chão de um jornal, a saber:

No rés do chão dos jornais brasileiros, eram publicados diferentes tipos e gêneros de texto: os romances em formato de “folhetim”, ou seja, calcados na fórmula do “continua amanhã” e na demanda do público; os romances comuns publicados de maneira seriada, situação na qual o espaço funcionava como incentivo à impressão e à divulgação de obras de diferentes autores; as críticas literárias, teatrais e textos sobre cultura de modo geral; literatura de diferentes gêneros, como contos, fantasias e poesia; e, por fim, o gênero intitulado propriamente como “folhetim”, pai daquilo que hoje chamamos de crônica, em que o autor comentava os fatos da semana em linguagem mais próxima da literatura do que do jornalismo. (AGUILAR, 2020, p.6).

Essa prática de escrever em páginas de jornais se tornou muito comum no Brasil, principalmente pelos autores realistas. No conto analisado, Assis escolheu o que seria permanente para uma posteridade, em forma de livro, e o que poderia ficar mantido somente no jornal.

3.2. CARACTERÍSTICAS EM CONTRASTE

Antes de discutir o tema da linguagem bíblica em Machado de Assis, é importante verificar as características da linguagem bíblica, especialmente na sua relação com a linguagem literária. Para isso, toma-se aporte em Crystal e Davy (1969) e Auerbach (2007), os primeiros tratando da linguagem litúrgica, e o segundo comparando o texto bíblico e a epopeia *Odisseia*, de Homero.

Investigando o estilo inglês na especificidade do ato litúrgico, Crystal e Davy (1969), afirmam que o ato litúrgico exige realmente uma linguagem específica, que inclui construções próprias da fala religiosa. É evidente que, apesar das atualizações a que as versões bíblicas são submetidas no decorrer dos anos, é mantida a manutenção da linguagem litúrgica, visto que

é altamente improvável que sejam aceitas quaisquer propostas de reforma linguística que produzam um tipo de inglês totalmente identificável com alguma outra variedade, pois isso inevitavelmente produziria uma equação ou confusão dos tons associados a essa outra variedade e os propósitos distintivos da linguagem religiosa”. (Crystal e Davy, 1969, p. 150).

Sabe-se que há versões com vários propósitos. A linguagem bíblica, tida como sacra, é certamente mantida nas versões tradicionais da Bíblia, mesmo com as atualizações que se empreendam por força de sua função cultural e de seu impacto linguístico (Crystal e Davy, 1969), para além do contexto religioso original em que aparece. Lopes (2008) afirma que há naturalmente grande dificuldade em aceitar novas versões da tradução bíblica, e isso se deve a três principais motivos: “a falta de adaptação do receptor à nova versão; o estranhamento da linguagem cotidiana em oposição à arcaica, tradicionalmente usada no universo do sagrado; e a rejeição a uma tradução que não siga os padrões da literalidade” (Lopes, 2008, p.18).

Um ponto que deve ser observado é o cunho literário que a narrativa bíblica contém. Sua linguagem é repleta de características de textos consagrados da literatura universal. Entretanto, é importante salientar que, por conta de seu principal objetivo (litúrgico e reflexivo), a análise deve ser diferenciada, como apontam Alter (2007) e Auerbach (2007).

Em relação ao texto bíblico narrativo, Alter (2007) afirma que a escolha das palavras, o padrão da narratividade e o ritmo dos diálogos devem ser analisados de maneira cuidadosa, como um texto refinado que se ramifica:

A teologia implícita na Bíblia hebraica impõe à narrativa um realismo psicológico e moral bastante complexo, uma vez que os desígnios de Deus estão sempre entrelaçados à história humana e dependem das ações individuais dos homens e

mulheres para sua realização permanente. Esmiuçar os personagens bíblicos como figuras de ficção permite ver mais nitidamente os aspectos contraditórios e as múltiplas facetas de sua individualidade humana, que é o meio escolhido pelo Deus bíblico para Seu experimento com Israel e com a história. (ALTER, 2007, p.28).

Auerbach (2007) apresenta uma visão de como é possível encontrar aspectos literários na Bíblia e como esses aspectos ajudaram a moldar a literatura do ocidente. A obra *Mimesis*, em seu capítulo “A cicatriz de Ulisses”, mostra como o discurso de Homero é detalhista e extenso. A preocupação de Homero é cuidar para que nada escape na construção da cena: “Mesmo no dramático instante do reconhecimento não se deixa de comunicar ao leitor que é com a mão direita que Ulisses pega a velha pelo pescoço, para impedir-lhe que fale, enquanto a aproxima de si com a outra mão.” (p. 2). Com isso, a construção avança e retrocede, sempre em primeiro plano narrado no presente, preenchendo completamente a cena e a consciência do leitor (p. 5). Por vezes Homero utiliza-se de muitas páginas para relatar um ato que poderia ser narrado em alguns versos: esse relato acima, por exemplo, está escrito em uma série de mais de setenta versos (p.2). O autor afirma que a causa da impressão de retardamento é por conta da “necessidade do estilo homérico de não deixar nada do que é mencionado na penumbra ou inacabado.” (p.3).

Em evidente contraste, o escritor bíblico é objetivo e direto, e o texto bíblico se reveste grande profundidade.

De acordo com Auerbach (2007), o texto bíblico é “enigmático e carregado de segundos planos” (p.9). O capítulo *A cicatriz de Ulisses* exemplifica o momento em que Abraão é chamado por Deus para sacrificar seu filho Isaque, fato narrado em Gênesis capítulo 22. O versículo 1 desse capítulo assim diz: “Depois dessas coisas, pôs Deus Abraão à prova e lhe disse: Abraão! Este lhe respondeu: Eis-me aqui”. Nessa narrativa não se sabe onde Deus ou Abraão estavam sabendo-se, porém, que não estão ambos no mesmo lugar. Abraão responde “eis-me aqui”, apresentando prontidão em obedecer. E não interessa para o leitor qual o lugar exato em que os dois estão assim como não interessa o que pensava Deus quando chamou a Abraão e o que Abraão fazia quando ouviu a voz de Deus. O que releva, neste caso, é narrar a obediência de Abraão. Esse modo direto do discurso apresenta fortemente a característica da linguagem bíblica, cuja intenção principal é dar conta dos fatos na narrativa: “Assim, nada dos interlocutores é manifesto, exceto as palavras, breves, abruptas, que se chocam duramente, sem preparação alguma; quando muito, a representação de um gesto de total entrega; tudo o mais fica no escuro.” (p. 6).

Entretanto, apesar de não se encontrar explícita no texto de Gênesis 22 a narrativa do momento em que Deus pede a Abraão o seu filho Isaque em sacrifício, o leitor sente o desespero de Abraão, e imagina o terror que foi o caminhar de três dias até o local determinado por Deus para o sacrifício. O texto bíblico consegue de maneira profunda levar seu leitor à reflexão, mesmo sem detalhar os fatos como se encontra nos textos de Homero. Muito pertinentemente Auerbach (2007) aponta que “em Homero seria inimaginável uma multiplicidade de planos nas situações psicológicas” (p.10), como se encontra nas narrativas do texto bíblico. Afirma ainda que “os autores judeus conseguem exprimir as camadas simultaneamente sobrepostas da consciência e o conflito entre as mesmas.” (p.10).

Como nos poemas homéricos nada é ocultado. Auerbach (2007) salienta que é possível analisar esses textos, mas não é possível interpretá-los. Diferentemente dos relatos bíblicos, em que não há apelo emocional, mas sim, uma busca pela apresentação da verdade, aí há algo mais do que simplesmente uma realidade narrada. A questão é que, dentro da doutrina religiosa, os textos bíblicos aí estão com o objetivo de ensinar, exortar ou fazer os leitores refletirem sobre algo transcendente. A literatura pode apresentar esses objetivos também (de ensino, exortação ou reflexão); entretanto, sua posição será a laicidade, sem objetivos religiosos, como é o caso da escrita bíblica.

Passa-se, pois, para análise, o texto narrativo bíblico de Gênesis 6 e 7, o Dilúvio.

Até o versículo 7 do capítulo 6, o que se apresenta é o sentimento de Deus para com seu povo (que seriam “filhos de Deus”), que se uniu com outros povos, chamados de “filhas dos homens” (v.2). Essa união entre os filhos de Deus e as filhas dos homens gerou uma humanidade corrupta e muito pecaminosa. Os versículos 1 a 7 apresentam o arrependimento de Deus em criar a humanidade:

5. Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração;

6. então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. (Gênesis, 6:5-6)

Por conta da corrupção do gênero humano, Deus decide exterminar os povos da terra. E há nessa narrativa dois momentos de fala de Deus, um no versículo 3 e outro no versículo 7:

3. Então, disse o SENHOR: o meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; e os seus dias serão cento e vinte anos.

7. Disse o SENHOR: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito. (Gênesis, 6:3,7)

Interessante observar que não vem indicado a quem Deus se dirige quando Ele fala, aliás uma característica muito presente nas Escrituras. Quando Deus diz algo, não é necessário haver um interlocutor: Ele **diz**, e ponto final. O primeiro capítulo de Gênesis, que narra a criação do mundo, contém dez vezes a expressão: “Disse Deus”. Apenas nas duas últimas há um destinatário: Deus fala com o homem e com a mulher. Nas demais, não há a presença de um interlocutor, como foi no caso dos dois versículos acima de Gênesis 6.

O versículo 8 inicia com uma frase de natureza adversativa:

“Porém Noé achou graça diante do SENHOR”. (Gênesis 6:8)

Depois de Deus mostrar sua vontade em exterminar os povos da terra, Ele se lembrou de Noé e viu que ainda havia redenção para o povo.

O versículo 9 introduz a narrativa da seguinte maneira:

“Eis a história de Noé”. (Gênesis 6:9)

O que ela apresenta é um homem que andava com Deus, justo e íntegro. Ele possuía três filhos: Sem, Cam e Jafé. E nada mais a respeito da vida de Noé ou de seus filhos é apresentado nessa narrativa. A objetividade e a impessoalidade bíblica estão presentes. Quando se lê “eis a história de Noé”, imagina-se que o texto passará a narrar quem foi Noé, quem foram seus antepassados, quem é sua família, como ele se comporta em determinada cidade etc.; entretanto, nada disso é elucidado. E é assim que Auerbach (2007) analisa a objetividade dos textos bíblicos narrativos: não há descrições nem comentários narrativos; há a exposição do fato.

No versículo 13, Deus fala com Noé (primeira vez em que há um interlocutor do divino, pronto a ouvir) que irá destruir toda a terra, por conta da violência humana. Ordena, no versículo 14, que Noé faça uma arca de madeira. Os versículos seguintes até o 16 detalham os materiais e a forma como Noé deverá fazer a arca. A seguir, Deus diz para Noé ir com seus filhos e esposas de seus filhos, além de um casal de cada espécie de animal. E que Noé leve comida para ele e para todos que estiverem na arca.

O versículo 22 afirma que Noé agiu “consoante a tudo o que Deus lhe ordenara”. Não se sabe quanto tempo Noé levou para construir a arca; nem como sua família ou seus

contemporâneos reagiam ao ver a arca ser construída; não se sabe se ele falou com alguém sobre a ordem que ele recebeu de Deus. Também não se diz se ele se sentiu cansado ou abatido, ou ainda, se sua fé o revigorou e lhe deu forças para construir com ânimo a arca. Nada é detalhado ou comentado.

No capítulo 7, narra-se a entrada da família de Noé na arca, juntamente com o casal de cada animal. Sua esposa, seus filhos com as esposas entraram na arca não havendo nenhum comentário sobre essa atitude ser de bom grado a todos; não é informada a reação de nenhum das personagens. Em resumo, apenas a ordem dada por Deus e a obediência de Noé constituem o que importa ser narrado.

Outro versículo digno de atenção neste capítulo é o final do versículo 16: “e o SENHOR fechou a porta após ele (Noé)”. Não é narrada a atitude das pessoas que ficaram fora da arca. Não se sabe como elas reagiram ao ver a chuva torrencial não acabar. Será que tentaram entrar na arca? Houve choro, lamento, clamor por misericórdia? Quanto tempo levou até todas as pessoas morrerem afogadas? Nada se sabe. O que se sabe é que a porta foi fechada por Deus. O tempo do comentário de Weinrich (1968) é, pois, inexistente nesta narrativa.

A narração continua, no versículo 22:

“Tudo o que tinha fôlego de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu”.

Não há pessoalidade, subjetividade ou opinião do escritor de Gênesis, Ele simplesmente narra o fato ocorrido. Alter (2007) compreende esse ponto dizendo que “a visão religiosa da Bíblia adquire profundidade e sutileza justamente por ser apresentada mediante os mais sofisticados recursos da prosa de ficção.” (ALTER, 2007, p.42). Estudos de comentários bíblicos mostram que o tempo durante o qual Noé ficou dentro da arca foi de aproximadamente 371 dias. Não é narrado na Bíblia nenhum momento dentro da arca. Não se sabe como foram os dias de Noé e sua família junto com animais, alimentação, cheiro forte, relacionamentos etc. E justamente esse ponto não mencionado na Bíblia é o ponto escolhido por Machado de Assis para criar literatura, com um texto repleto de tempo comentado.

Pode-se afirmar que, no conto “Na Arca”, Machado de Assis se utiliza da linguagem tradicionalmente ocorrente no universo sagrado, dando ênfase ao sacro. Entretanto, pode-se propor que, ao se utilizar do tempo do comentário e da fala das personagens, o texto se marca de ironia. Essa hipótese será analisada na próxima seção deste trabalho.

3.3. A ARCA COMO SÍMBOLO BÍBLICO

Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé. (Hebreus 11:7).

No conto analisado encontra-se, ao final dos capítulos, o seguinte versículo: “A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo” (Assis, 2008, p. 42). A referência à “arca” aparece no conto treze vezes. Pelo fato de surgir várias vezes e pelo fato de os três capítulos de Machado de Assis terminarem da mesma forma, considera-se necessário analisar o símbolo “arca” no viés bíblico.

Apesar da maldade humana, da corrupção presente nos filhos de Noé, Deus estabeleceu uma arca para preservar a humanidade, sendo a “arca”, pois, um instrumento de salvação.

Segundo o relato bíblico, Noé escutou o chamado de Deus, e pela fé construiu a arca. Ela salvou sua família da destruição, apesar de continuarem pecadores. Em Gênesis 6:14, encontra-se a narrativa a seguir: “Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora”. O comentário bíblico encontrado na Bíblia de Estudo de Genebra (1999) informa que os mesmos termos do hebraico **arca** (אֲרוֹן קֹדֶשׁ) e **betume** (בֵּיטוּמִן) são encontrados em Êxodo 2:3, a saber: “Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o menino, largou-o no carriçal à beira do rio”. Nesse relato, a história contada é a de Moisés, o garoto hebreu que foi escondido por sua mãe por três meses, pois esta queria poupar seu filho da ordem do rei do Egito que ordenava matar todos os filhos homens nascidos naquele tempo. Com o crescimento da criança, a mãe se viu obrigada a separar-se do filho e teve, então, a ideia de deixá-lo dentro de um cesto e colocá-lo nas águas do rio.

Em ambos os casos, há um objeto de betume colocado nas águas para salvação. Noé e Moisés são poupados da morte pelo uso deste objeto. A arca é, na Bíblia, pois, símbolo de salvação e de separação do povo de Deus.

Há, ainda, o relato bíblico que apresenta a aliança que Deus fez com Noé, depois que este e sua família saíram da arca:

Estabeleço a minha aliança convosco: não será mais destruída toda carne por águas de dilúvio, nem mais haverá dilúvio para destruir a terra.
Disse Deus: Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres viventes que estão convosco, para perpétuas gerações:
porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra.

Sucedirá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres viventes de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. (Gênesis 9:11-15)

Destaque-se que essa é a primeira vez em que o arco da aliança é visto na Bíblia. E essa aliança será estendida a Abraão, a Moisés e a toda a geração escolhida por Deus.

Depois desses fatos, em Êxodo, Deus diz a Moisés que construa uma arca, a qual, posteriormente, seria chamada de “arca da Aliança”. Araújo (2011) salienta que a arca da Aliança é uma marcante instituição do povo de Israel: “O Senhor havia escolhido um povo particular, feito uma aliança com ele. A Arca, contendo as tábuas da Lei, acompanha a vida de Israel nos principais momentos da sua história”. (Araújo, 2011, p. 235).

A forte relação desse verdadeiro símbolo de preservação da humanidade, que é a “arca”, pode ser recolhida no final do conto “Na Arca”, de Machado de Assis, aqui examinado. Ele termina dizendo, exatamente, que a arca, “porém” (apesar de todos os obstáculos à salvação da espécie), pairava sobre as águas. Assim, apesar dos filhos de Noé, apesar das brigas dentro da arca, apesar dos irmãos gananciosos, a arca continuava a protegê-los do dilúvio.

Ao final de cada capítulo, Assis faz uma referência a *Gênesis*: “A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”. (Gênesis 1:2). Observa-se que, no relato bíblico, quem pairava sobre as águas era o Espírito de Deus. No conto, quem pairava sobre as águas era o objeto arca. A troca proposital apresenta o texto de maneira mais material.

3.4. A LINGUAGEM BÍBLICA NA LITERATURA: MACHADO DE ASSIS

Na literatura observa-se o uso da linguagem bíblica em diversos textos, como em poesia, crônica, conto e romance. Crystal e Davy (1969) ressaltam que, como fonte de efeito linguístico, a linguagem religiosa é muito presente na literatura, em que “pode ser feito um uso deliberado e evocativo de sua terminologia e fraseologia” (Crystal e Davy, 1969, p.148). E o uso deliberado da linguagem bíblica tem o seu significado na literatura, transformando um texto conhecido como sagrado em um texto literário.

Nesta seção, pretende-se verificar quais são as características da linguagem bíblica que se apresentam no conto “Na Arca”, de Machado de Assis.

É fato que Machado conhecia bem a Bíblia. Isso se demonstra na forma como ele trata assuntos originariamente bíblicos, levando-os para outro contexto. O ideal seria haver alguma informação sobre qual era a edição bíblica utilizada por Machado. Os estudos machadianos

realizados por Proença (2011) informam que Machado era leitor da Bíblia, mas esses mesmos estudos afirmam que não há informação sobre a edição bíblica utilizada por Machado. As considerações que aqui se fazem são baseadas na tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada (ARA), por ser uma tradução de linguagem mais erudita e de boa aceitação entre os estudiosos da Bíblia.

Neste estudo, o que se busca ver, como já ressaltado, é exatamente a presença do discurso bíblico em Machado de Assis, por conta de seus inúmeros textos que remetem à linguagem da Bíblia, o que pode ser demonstrado neste trecho de Proença (2018):

Quando se pensa na presença da Bíblia em Machado de Assis, acorrem as muitas evocações de Esaú e Jacó, obra produzida na plenitude de sua maturidade literária; ou as constantes remissões ao Eclesiastes. Contudo, a importância das fontes bíblicas pode ser reconhecida em inúmeros outros empréstimos: motivação onomástica (não só para personagens, mas também para títulos de contos e de romances: Jeremias, Ezequiel, Pedro, Paulo, Esaú e Jacó); versículos bíblicos servem como epígrafe para contos ou títulos para capítulos de obras ou parte delas; o conto “O lapso” tem epígrafe do profeta Jeremias (Assis, 2008, v. 2, p. 374); menção a fatos e personagens bíblicos do domínio comum (“tão velho como Adão”); paródia de algumas sequências (“O Sermão do Diabo” e “Evangelho da missa Campal”)¹⁶; estilização de outras (“Na arca: três capítulos inéditos do Gênesis”); uso argumentativo de textos e eventos bíblicos, (primeiro parágrafo de Memórias Póstumas de Brás Cubas). (Proença, 2018, p. 10-11).

Antes, porém, é importante informar, com base no conceito de visão periférica cognitiva apresentado por Beale (2014), que este trabalho porá foco em uma possível interpretação do texto de Assis, sabendo que há possibilidades de outras interpretações, diferentes desta aqui explanada.

Beale (2014) afirma que todos os seres humanos têm visão central e visão periférica. Segundo o autor, a visão periférica é definida como a “capacidade de enxergar objetos e movimentos fora da linha direta do olhar.” (BEALE, 2014, p.13).

Encontra-se esse caminho no ensaio de Beale (2014), ao retratar que o discurso dos autores do Antigo Testamento vai além do significado expresso sobre determinado assunto: “sua intenção explícita caminhava de braços dados com uma compreensão implícita mais abrangente.” (BEALE, 2014, p.12).

Esse movimento é também encontrado no texto de Machado de Assis aqui analisado. O conto é carregado de compreensão implícita do autor literário. Por esse motivo, fica evidenciada a importância de se abordar a visão periférica presente em Beale (2014).

O autor salienta que, como nossa “visão” cognitiva é periférica, o significado é expandido. Nas palavras de Beale (2014):

Todos vemos e percebemos outros objetos além daqueles diretamente em foco, e essa percepção é uma configuração biológica padrão. Da mesma forma, existe um fenômeno parecido no “olho” da mente. Ao fazermos afirmações sobre qualquer assunto, temos em foco o significado direto, mas esse significado é complexo e pode ser ampliado. Sua expansão é controlada. Os objetos contemplados pela visão central dos nossos olhos se relacionam com os objetos da visão periférica, à medida que todos fazem parte do mesmo campo geral de visão. Do mesmo modo, os objetos do nosso foco de significado central se relacionam com outros objetos que se encontram no campo mais amplo da nossa visão periférica cognitiva, uma vez que todos integram o mesmo campo geral de visão cognitiva. Nesse sentido, é natural que o significado direto seja interpretado à luz do campo significativo mais amplo, pois tudo isso faz parte de um campo único de significado. Esse campo mais amplo de significados relacionados é uma configuração padrão do nosso conhecimento. (BEALE, 2014, p.14).

Em referência à obra de Hirsch (1987), Beale (2014) afirma que “os significados implícitos ou secundários são parecidos com *icebergs*” (p.18), em que se encontramos a maior parte submersa, porém, ligada à superfície. A identidade de um significado depende de uma “coerência comparável” (p.18).

A noção da intenção autoral é presente no texto de Beale (2014); entretanto, os “atos mentais” (p.19) – experiência inacessível do autor ao escrever o texto – não estão incluídos no significado. Esse ponto é importante para a pesquisa, visto que o objetivo desta análise é, nas palavras de Hirsch, “apurar a intenção comunicativa do autor (explícita e implícita), não suas motivações.” (Hirsch, 1987, citado por Beale, 2014, p.19).

Hirsch (1987) citado por Beale (2014) ainda apresenta o conceito de “margem turva” do significado. Essa margem jaz entre o significado e a consciência do autor: “Em razão dessa turbidez, só até certo ponto é possível levantar a hipótese de que um significado implícito esteja presente”. (Beale, 2014, p.20).

Beale (2014) ainda discorre sobre a teoria de Polanyi (1966) em que afirma que o conhecimento possui dois aspectos: o tácito e o focal (também chamados por Polanyi de proximal e distal). Um dos exemplos apresentados é de uma pianista (p.23). Quando ela está aprendendo a tocar piano, a musicista se preocupa com as técnicas e a mecânica dos dedos. Quando ganha experiência, o conhecimento se dedica ao aspecto focal, em que o foco será na peça a ser executada, e não mais na técnica de tocar o piano. Conforme Polanyi “sabemos mais do que somos capazes de comunicar” (Polanyi, 1966, citado por Beale, 2014, p.22).

Os três conceitos apresentados: visão periférica cognitiva de Beale (2014), tipo pretendido de Hirsch (1987) e conhecimento tácito de Polanyi (1966) nos auxiliam na interpretação e na intenção autoral machadiana. Machado de Assis observou as particularidades de um texto bíblico (estrutura de capítulos e versículos e linguagem) para produzir o conto “Na Arca”.

Meek (2003) citado por Beale (2014) explora a seguinte ilustração:

Olhamos para a lua prateada e raciocinamos que estamos vendo parte de uma esfera, não o todo de um crescente [...] A diferença crucial é que enxergamos o espaço vazio como algo oculto [...] no caso da lua, traçamos uma figura e, na lacuna dessa figura, afirmamos que a figura está presente, embora aquela parte esteja oculta. (MEEK, 2003, citado por BEALE, 2014, p.29)

Como dito acima, não se pode analisar com detalhes tudo que se passava na mente de Assis ao escrever o conto. Consegue-se ver uma parte da “lua” e supor a outra parte que está obscura. Wright (1992) citado por Beale (2014) comenta: “o ato humano de escrever deve ser concebido como uma articulação de cosmovisões ou, ainda melhor, como o *contar de histórias que articulam cosmovisões*” (Wright, 1992, citado por Beale, 2014, p.50, grifo do autor).

Dessa forma, é possível afirmar que quando Assis faz citação direta com texto bíblico, essa citação apresenta diversos significados secundários. A consciência de Machado contém mais elementos do que aqueles que estão expostos no conto, através de sua visão periférica cognitiva.

Com esse olhar, este trabalho se propõe a identificar o caráter do significado periférico, demonstrando uma possível consciência no autor ao se aproximar ou se distanciar do estilo bíblico, tendo em mente que, de acordo com Beale (2014), “a abordagem da teoria secundária é incapaz de oferecer diretrizes para determinarmos quais, dentre as diversas opções de significados secundários, um autor teria em mente.” (Beale, 2014, p.56).

3.5. LÍNGUA ORAL E LÍNGUA LITERÁRIA

Como um dos aspectos analisados neste trabalho foi a fala dos filhos de Noé, diálogo presente no conto de Machado de Assis e ausente na narrativa bíblica, é importante salientar a diferença entre língua oral e língua literária. A análise aqui realizada põe em evidência a afirmação de que, apesar de o texto machadiano apresentar características típicas da oralidade, o texto é literário, portanto, estético e suas marcas de oralidade são diferentes de uma pragmática oral.

A preocupação entre língua literária e língua oral é tema bastante discutido nos meios acadêmicos-linguísticos. O que se pretende neste tópico é apresentar algumas posições que serão relevantes para esta pesquisa.

É importante ressaltar que a língua literária está ligada a produções artísticas e a língua oral é parte do uso diário, em situações pragmáticas. Mesmo que haja características da língua

oral no conto analisado, não se pode esquecer de que é uma produção artístico-literária, com um objetivo próprio. Por isso, a importância de verificar como alguns pesquisadores analisam a relação entre língua oral e língua literária.

Benveniste (2006) afirma que a linguagem poética possui suas próprias leis; entretanto, conhecer a linguagem ordinária auxiliará na compreensão de alguns usos na linguagem poética:

Nosso domínio será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e suas funções. A tarefa, concordarão, é ainda assim já bastante ampla. Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também. (BENVENISTE, 2006, p. 221, 222).

Jakobson (2010) defende a ideia de que a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística. Para o pesquisador, a Linguística, como ciência global, aborda todo o universo discursivo, seja ele literário ou não; por isso, não pode haver uma separação entre língua e literatura:

Afirma-se que estas [as divergências entre Linguística e Poética] se opõem, mercê de sua natureza “casual”, não intencional, à natureza “não casual”, intencional, da linguagem poética. De fato, qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que supõe os críticos, entre o problema dos fenômenos linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (JAKOBSON, 2010, p. 120).

Preti (2003) afirma que a literatura é um processo estético. Entretanto, o texto literário possui diversas nuances da realidade linguística que o autor busca representar:

Admitimos, porém, que a literatura atua como um processo estético, recriador da realidade social, e é possível aceitar que a obra literária (em especial a prosa, mas, sob certa forma, também a poesia) funciona igualmente como uma recriação da realidade linguística de seu tempo, mormente nos seus diálogos, em que as personagens podem reproduzir, às vezes com perfeição, o complexo problema da variação linguística. (PRETI, 2003, p.57).

Na visão de Preti (2003), o escritor, ao fazer uso da língua, não é mais considerado um locutor modelo, como era até o século XIX. Para o autor, o escritor literário é um hábil conhecedor dos recursos linguísticos oferecidos pelo idioma. Negreiros (2008) observa a pesquisa de Preti (2003) da seguinte maneira:

Uma vez que o texto literário é uma manifestação escrita, há um processo de planejamento que, teoricamente, poderia afastar-se da língua comum, sobretudo da língua oral. Entretanto, sendo os objetivos do escritor de natureza estética, não há limites na escolha de variantes linguísticas. Assim, os usos da língua comum na literatura podem ser estratégias do escritor, objetivando criar no texto de ficção uma proximidade maior com a realidade. (NEGREIROS, 2008, p.71).

Exemplo dessa atitude é encontrado no conto analisado neste trabalho. O autor se utiliza de estratégias da língua oral para dar maior enfoque à linguagem (à atitude) humana, fortemente presente nos diálogos entre os filhos de Noé.

Ainda segundo Preti (2003), é comum a linguagem literária se aproveitar da língua falada: “em todos os momentos da literatura, encontramos autores que se deixaram influenciar pela oralidade, levando para a escrita variantes que deveriam ter sido comuns em seu tempo.” (PRETI, 2003, p.117).

No conto analisado, Machado se utilizou do modelo de escrita bíblica para a narração antes da briga dos irmãos. As marcas de oralidade foram mais utilizadas na fala das personagens e em alguns momentos aparece também na voz do narrador no momento da discussão. Essa escolha mostra a ironia e a satirização presentes no texto: quando há o diálogo entre as personagens (filhos de Noé), a humanidade sobressai; a corrupção e a maldade humana são colocadas em evidência.

É importante salientar que a linguagem no contexto literário pode ser criada e recriada parcialmente, dentro dos objetivos estéticos do autor. Sobre este assunto, Negreiros (2008) aponta:

A língua literária torna-se artificial, mesmo quando se vê próxima de um modelo natural. Há necessariamente um condicionamento à língua escrita, pois o texto literário se realiza na mídia escrita. Depois, há que se levar em conta o planejamento literário, terminando com a estilização da linguagem. (NEGREIROS, 2008, p. 71).

Para maior clareza de entendimento desta pesquisa, torna-se necessário defender a ideia de que a literatura é uma criação estética e o uso de recursos linguísticos na arte não se comparam ao uso pragmático. A análise realizada neste trabalho a respeito dos aspectos de aproximação ou distanciamento da linguagem bíblica em relação aos diálogos presentes no texto apresenta características de análise de texto oral com visão à escrita estética tipicamente literária.

A pesquisa procura realizar uma análise linguística de alguns tópicos do conto “Na Arca”, com o objetivo de verificar as partes que se aproximam da linguagem bíblica, e especialmente os momentos em que a linguagem se distancia das características de texto sacro,

em especial com a ironia ou o humor machadianos, a partir de três critérios de análise: campo lexical; modo de construção; tom de fala. Os três critérios são explicitados no capítulo seguinte deste trabalho.

4 NARRATIVA BÍBLICA E NARRATIVA LITERÁRIA: O CONTO EM DIÁLOGO

Lee e Stuart (2011) afirmam que a narrativa é o tipo de texto literário mais comum encontrado na Bíblia. Segundo os autores, 40% do Antigo Testamento é composto de textos narrativos.

Como foi explanado até o momento, o objetivo desta pesquisa é verificar as marcas de aproximação e de distanciamento da linguagem bíblica presentes no conto “Na Arca”. A análise passa agora pelas escolhas lexicais e construcionais.

4.1 AS ESCOLHAS LEXICAIS NA APROXIMAÇÃO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA

No conto, o uso de palavras que se aproximam da linguagem bíblica é muito sutil, embora seja claramente perceptível. No conto analisado há apenas um vocábulo que é muito típico do texto bíblico: **côvado**.

Essa palavra foi inserida nesta lista, em primeiro lugar, pelo fato de possuir rara ocorrência em linguagem não formal. A palavra **côvado** (que se refere a uma unidade de medida que equivale ao antebraço de um homem) aparece mais de cem vezes na Bíblia.

No início desta pesquisa, foi proporcionado um questionamento a respeito do léxico próximo à linguagem bíblica tradicional. Era levantamento de questão saber o quanto o conto machadiano se utiliza das palavras presentes mais comumente em textos bíblicos. Com esta análise, fica evidente que não era uma escolha machadiana se utilizar dos vocábulos bíblicos, visto que se encontra somente uma palavra, como apresentada.

Afinal, como se mostra, no conto em análise há menor utilização de termos lexicais da Bíblia e maior aproveitamento de construções da linguagem bíblica, podendo-se considerar que essa é uma marca geral da criação literária de Machado que se faz com recurso à Bíblia. Também se pode considerar, com grande importância, que o recurso ao modo bíblico de construção textual no conto de Machado tem uma representação mais significativa do que teria o simples recurso aos exatos termos usados na Bíblia.

Essa observação apresenta a riqueza do texto literário analisado. Mesmo com o uso de apenas uma palavra comum do vocábulo bíblico, a leitura do conto nos remete a um texto sacro, quer por seu formato (divisão parecida com versículos) quer pela construção da linguagem. NO

próximo tópico, serão analisadas as construções de linguagem escolhidas pelo autor que reforçam a aproximação do conto com o texto bíblico.

4.2 AS ESCOLHAS CONSTRUCIONAIS NA APROXIMAÇÃO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA

Este ponto do trabalho contém o olhar para a construção a partir da gramática sistêmico-funcional, a qual permite verificar a multiplicidade de componentes da gramática, não apenas a complexidade sintática. Neves (2023) aponta que esse olhar é constituído por um tratamento funcionalista, pois verifica de maneira integrada três componentes da gramática: “como constructo sintático que é, ela [a oração] se liga ao todo de sentido (a semântica) e ao todo de efeito (a pragmática). E a pragmática não é apenas interna à organização informativa, ela apreende externamente a própria motivação de fala”. (NEVES, 2023, p.4).

Seguindo a orientação pragmática permitida pelo funcionalismo linguístico, tem-se a visão de que as construções presentes no conto são mensagens, como salienta Halliday (1994). Sobre este termo, Neves (2023) afirma que

é fácil ver que uma oração não simplesmente tem, por exemplo, um sujeito sintático. Ela sempre abriga, também, uma espécie de “sujeito psicológico” que é o ponto de partida da mensagem (função textual), ou seja, é o tema em torno do qual há de girar aquilo que se informa – um predicado -, já não visto, então, como simples entidade sintática, mas entendido exatamente segundo o valor do termo: “aquilo que se diz / se informa de” algo. Exatamente, o tema. (NEVES, 2023, p. 5, grifo da autora).

Esse olhar põe em foco a construção das orações do conto analisado não apenas do ponto de vista da sintaxe, mas também da informação (mensagem) que foi querido dizer, informar. Observa-se que quando Machado se utiliza de construções próximas à linguagem bíblica, no conto, ele pretende trazer seriedade e verdade à narrativa.

Baseada na Gramática Funcional e na Análise da Conversação, esta análise subdivide as construções de aproximação da linguagem bíblica em cinco tópicos: o uso do *e* no início de frase, construções com *falar* e *dizer*, presença do verbo conjugado em segunda pessoa, anteposições e paráfrase.

A tabela a seguir servirá de base para análise das sentenças:

**Verificação dos aspectos construcionais na aproximação do conto machadiano com a
linguagem bíblica**

Sentença número	Trecho	Localização no conto
1	Então Jafé levantou a voz e disse:	Capítulo A, versículo 6.
2	E Sem falou a voz do seu coração, dizendo:	Capítulo A, versículo 9.
3	Ou lavrará a madeira ou fiará o linho.	Capítulo A, versículo 9.
4	E respondeu Jafé.	Capítulo A, versículo 10.
5	E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem	Capítulo A, versículo 12.
6	E tendo Jafé respondido assim, acudiu o irmão:	Capítulo A, versículo 15.
7	Para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós, segundo é a vontade do Senhor.	Capítulo A, versículo 15.
8	A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.	Capítulo A, versículo 22. Capítulo B, versículo 25. Capítulo B, versículo 28.
9	Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé	Capítulo B, versículo 23.
10	Correi a aquietá-los.	Capítulo B, versículo 24.
11	Eis aqui chegou Noé	Capítulo C, versículo 1.
12	Cessai a briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando.	Capítulo C, versículo 6.
13	E ouvindo os dois irmãos o pai, detiveram-se subitamente	Capítulo C, versículo 6.
14	Noé continuou: "Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens."	Capítulo C, versículo 7.
15	e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro	Capítulo C, versículo 9.
16	E Jafé interrompeu-o dizendo:	Capítulo C, versículo 19.

17	Noé, porém, alçando a voz, bradou: - "Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.	Capítulo C, versículo 22.
----	---	---------------------------

Tabela 1: Aspectos construcionais na aproximação do conto machadiano com a linguagem bíblica

4.2.1 Presença do *e* no início de período

Quanto ao *e* no início de um versículo, Neves (em orientação) o nomeava como “*e* bíblico”. Na gramática normativa, a regra geral é que não se pode iniciar uma frase com *e*, pois é conjunção aditiva: “A aditiva **apenas** indica que as unidades que une (palavras, grupo de palavras e orações) estão marcadas por uma relação de **adição**.” (BECHARA, 2009, p. 320, grifos meus). Percebe-se nessa definição que o uso do *e* é muito mais comum como adição (Bechara usa a palavra *apenas*, restringindo ainda mais o uso do conector). Entretanto, o autor apresenta, no campo *observações*, que existe a possibilidade de aparecer o *e* depois de pausa: “são unidades enfáticas com função textual que extrapolam as relações internas da oração e constituem unidades textuais de situação” (BECHARA, 2009, p. 321).

Essa ênfase com função textual é a que se encontra tanto no texto bíblico, como nas sentenças analisadas no conto. Neves (2006), ao citar Antoine (1962), afirma que há um *e* arquitetural, que serve para “(i) abrir um desenvolvimento (ataque); (ii) fechar um desenvolvimento (encerramento). (iii) marcar a transição de um desenvolvimento a outro (transição não-lógica)” (NEVES, 2006, p. 252). Essa arquitetura estética do uso do *e* inicial em frases ou parágrafos é muito comum na Bíblia e pode ser observado em:

“E tudo fez Noé, segundo o Senhor lhe ordenara.” (Gênesis 7:5)

E aconteceu que, depois de sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio.”

(Gênesis 7:10)

Verifica-se, nestes exemplos, a marcação do uso do *e* no início do versículo, com o objetivo de marcar um avanço diferenciado. Deus deu as instruções a Noé, disse a ele que já era o tempo de entrar na arca com sua família e os animais. Depois de sete dias, houve copiosa chuva sobre a terra. O uso do *e* nesse caso não traz a ideia de junção aditiva, mas sim, de progressão do texto. O mesmo acontece no conto, nas seguintes sentenças:

- (2) **E Sem** falou a voz do seu coração, dizendo:
 (4) **E** respondeu Jafé:
 (5) **E** a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem
 (6) **E** tendo Jafé respondido assim, acudiu o irmão:
 (13) **E** ouvindo os dois irmãos o pai, detiveram-se subitamente
 (15) **e** as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro
 (16) **E** Jafé interrompeu-o dizendo:

Quanto a essa construção, Neves (2006) aponta que “o chamado *e* ‘de transição’ muitas vezes o é justamente porque abre um novo desenvolvimento, introduzindo temas, inaugurando cenas, apontando para a frente.” (NEVES, 2006, p. 252).

Os exemplos acima apresentam o uso do *e* arquitetural, ou *e* bíblico, da seguinte maneira: sempre apontando para uma progressão do texto e deixando para trás um bloco que se encerra.

4.2.2 Construções com os verbos *falar e dizer*

Quanto às construções com os verbos *falar* e *dizer*, encontram-se no conto analisado formas de utilizar os verbos que denotam um dizer com o auxílio de outro verbo (outra atitude), a saber:

- (1) Então Jafé **levantou a voz e disse**:
 (2) E Sem **falou a voz** do seu coração, **dizendo**:
 (16) E Jafé **interrompeu-o dizendo**:
 (17) Noé, porém, **alçando a voz, bradou**:

Na sentença (1), verifica-se a apresentação de um dos filhos de Noé levantando a voz para dizer. Isso nos dá inferência do que virá depois. Ele é um homem que possui pensamento forte e irá lutar para realizar seus desejos.

Já na sentença (2), é observado como Sem fala à voz do coração. No conto, ele é o irmão que irá brigar por sua parte na terra. A emoção fala mais alto do que a razão.

Na sentença (16), a briga já está instaurada. O narrador precisa mostrar que nessa altura não havia mais respeito e um irmão começa a interromper a fala do outro.

Na última sentença (17) presente, quem alça a voz e brada é o patriarca Noé, a quem os filhos ainda respeitam (ou, pelo menos, silenciam-se em sua presença).

Neves (2006) afirma que a predicação é um processo básico de constituição do enunciado. Quando se fala de predicações, é importante notar que as escolhas feitas pelo autor não são aleatórias; elas possuem uma intenção de comunicação:

Mesmo configurada por esse estatuto de estruturação sintática, na visão hallidayana a oração (complexa) cumpre funções na linguagem, ou seja, ela é representação (organização semântica, em cumprimento da função ideacional), ela é troca (organização da interação, em cumprimento da função interpessoal) e ela é mensagem (organização informativa, em cumprimento da função textual). (NEVES, 2006, p. 38).

Nos exemplos acima, o narrador, antes de informar o que foi dito pela personagem, acrescenta uma atitude à fala (levantou a voz, falou a voz do coração, interrompeu, alçou a voz). Essa escrita afirma que há atributos nas personagens que precisam ser apresentados antes de mostrar a fala ao leitor. O modo de organização interna das orações exerce um papel determinante na condução interlocutiva do texto.

Na versão bíblica escolhida para comparação, são encontrados alguns exemplos parecidos com a construção das sentenças acima, utilizando-se dos verbos *falar* e *dizer*, junto com a descrição de outras atitudes, a saber:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada(...) (Mateus 28:18)

De novo, lhes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo (...) (João 8: 12)

Respondeu Jesus e disse-lhes: Posto que eu testifico de mim mesmo (...) (João 8:14)

No primeiro exemplo, o autor do texto bíblico apresentou a fala de Jesus junto com a atitude de Ele se aproximar. Este capítulo de Mateus narra a despedida de Jesus para com seus discípulos. O atributo de se aproximar para falar apresenta ao leitor um personagem (Jesus) próximo e cuidadoso para com seus amigos discípulos.

No segundo exemplo, o autor apresenta o verbo no pretérito imperfeito, com o objetivo de mostrar (*de novo*) que essa fala de Jesus era comum.

Já o último exemplo nos induz a pensar que Jesus tinha sido contraditado e por isso que a sua fala era resposta a uma objeção feita anteriormente pelos fariseus.

Mais uma vez, é visto aqui como há um papel significativo do autor na construção do enunciado. Mais do que narrar uma fala, dizer o que havia por trás é de extrema importância.

4.2.3 O uso do verbo conjugado na segunda pessoa

O uso do verbo na segunda pessoa foi considerado neste trabalho como ponto de aproximação da linguagem bíblica (versão tradicional) pelo fato de não haver tanto uso do *tu* ou do *vós* em comunicação comum, tampouco em textos literários. Neste conto, porém, há a presença do verbo conjugado em segunda pessoa em diversos momentos de fala entre as personagens, como nas sentenças:

(10) **Correi** a quietá-los.

(12) **Cessai a** briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando.

(14) Noé continuou: "**Erguei**-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens."

Bechara (2009) afirma que a pessoa “determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala.” (BECHARA, 2009, p.212). Na comunicação, ao se utilizar a segunda pessoa do plural, essa relação não é tão íntima e é mais formal.

A escolha da pessoa para a narração muito revela sobre o texto. Fiorin (1996) mostra que é a pessoa que domina o espaço e o tempo, e é a partir dela que o tempo e o espaço se sistematizam. Neves (2006) complementa esse pensamento ao afirmar que “a pessoa domina a interlocução, determinando não apenas o aqui e o agora (estabelecendo a dimensão espacial e a dimensão temporal) como também determinando, a partir do *ego*, os papéis na interlocução, ou seja, no ‘drama’ da linguagem”. (NEVES, 2006, p. 69).

A avaliação gramatical revela a “definição modal dos atos de fala enunciados, conferida pelo modo verbal, também acoplado nas flexões” (NEVES, 2006, p. 69). Isso significa que a escolha da flexão verbal muito tem a contribuir em um texto.

No texto bíblico, na versão escolhida para análise deste trabalho, o uso da segunda pessoa do singular (*tu*) e da segunda pessoa do plural (*vós*) é o mais utilizado, tanto no Velho, como no Novo Testamento.

São registros como:

Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume por dentro e por fora. (Gênesis 6:14)

e

*Disse o SENHOR a Noé: **Entra** na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que **tens** sido justo diante de mim no meio desta geração. (Gênesis 7:1)*

que mostram que a segunda pessoa é a mais formal (no modo indicativo e no modo imperativo), conseqüentemente, a mais utilizada na versão bíblica tradicional.

4.2.4 Construções quanto à anteposição

Um último ponto de análise de aproximação da linguagem bíblica quanto à construção é a anteposição do verbo em relação ao sujeito e do pronome em relação à negação. Estas construções são vistas nas seguintes sentenças:

(13) E **ouvindo os dois irmãos o pai**, detiveram-se subitamente.

(17) Noé, porém, alçando a voz, bradou: - "Maldito seja **o que me não obedecer**. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.

Essas orações apresentam diferenças sutis do que é comumente regrado pela sintaxe da língua. Não são construções pragmáticas, o que mostra maior formalidade do texto. Sobre esse assunto, Bechara (2009) salienta: "Sendo a ordem direta um padrão sintático, a ordem inversa, como afastamento da norma, pode adquirir valor estilístico. E realmente se lança mão da ordem inversa para enfatizar esse ou aquele termo oracional." (BECHARA, 2009, p. 583).

A sentença (13) apresenta uma inversão no período. Se fosse colocá-la na ordem lógica, ficaria da seguinte maneira: "Os dois irmãos se detiveram subitamente, ao ouvir o pai. Além da inversão em todo o período, há também uma inversão na primeira oração, em que apresenta o verbo antes do sujeito para mostrar que a ação de ouvir a fala do pai é mais importante do que as demais atitudes de Sem e Jafé.

No caso da sentença (17), a inversão foi em relação à colocação pronominal. A norma culta pontua este caso da seguinte maneira: "não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio (isto é, sem pausa entre os dois, indicada ou não por vírgula) ou precedido de palavra de sentido negativo" (BECHARA, 2009, p. 589). Neste caso, observa-se o que foi dito por Bechara, que às vezes a inversão serve para adquirir valor estilístico.

É encontrada na Bíblia a mesma construção na inversão dos versículos abaixo:

Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida (Gênesis 6:12)
(...) eram macho e fêmea os que entraram de toda carne (Gênesis 7:16)
Quinze côvados acima deles prevaleceram as águas (Gênesis 7:20)

Na versão bíblica escolhida como base para este trabalho, a construção com a ordem inversa das orações é algo bem comum. É necessária uma leitura um pouco mais criteriosa para entender o significado estilístico e o que o autor quis enfatizar, ao dar mais destaque a um sintagma do que a outro.

4.2.5 Paráfrase

Parafrasear é apresentar uma relação entre um enunciado-origem e um enunciado reformulador. Hilgert (2006) salienta que as paráfrases sempre implicam algum deslocamento de sentido, concorrendo para a progressividade textual:

O parafraseamento é uma estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os parcial ou totalmente. Na medida em que buscam dar um tratamento linguístico-discursivo a segmentos já formalmente instalados (...), as paráfrases têm um *escopo retrospectivo*. (HILGERT, 2006, p. 275, grifo do autor).

Duarte (2003), ao citar Fuchs (1982), afirma que há quatro tipos parafrásticos: o locutivo, em que se considera a argumentação referente à escolha de posição de termos na frase; o referencial, em que se atenta aos sintagmas nominais definidos; o pragmático, o qual possui o olhar para os atos de fala e o simbólico, em que se põe atenção às figuras de linguagem e simbologia.

No conto, há dois exemplos de paráfrase referencial, pois há referência de nomes próprios. Se a identidade dos nomes não for reconhecida, não haverá reconhecimento de paráfrase. Duarte (2003) entende esse fenômeno da seguinte maneira:

É indispensável que haja conhecimento compartilhado entre os interlocutores acerca das identidades referenciais que se projetam no discurso. Isso é muito comum quando ocorrem dêiticos, sintagmas nominais definidos e nomes próprios. Esse tipo de paráfrase sugere um estudo mais detalhado em vista destas entidades linguísticas mencionadas, de sorte a identificar os aspectos comuns e os diferenciais em conformidade com o tipo. (DUARTE, 2003, p. 246).

A paráfrase referencial encontrada no conto está relacionada a duas histórias bíblicas: de Caim e Abel e de Lameque:

“Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão.” (ASSIS, 2008, p.63).

“Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça, a cara e as mãos.” (ASSIS, 2008, p. 65).

“Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cam, que lhe apareceu clamando: "Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Jafé e Sem?" (ASSIS, 2008, p. 64)

“Noé, porém, alçando a voz, bradou: - "Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.” (ASSIS, 2008, p. 66)

Hilbert (2006) afirma que há duas concepções de paráfrase: uma estática e fechada; a outra dinâmica. De acordo com o autor, na primeira concepção, “enunciados estão em reação parafrástica na medida em que têm seu parentesco semântico determinado por um núcleo de sentido comum invariável.” (HILBERT, 2006, p. 277). Para este estudo, deteve-se à paráfrase estática visto que, como já mencionado, apesar do conto ter marcas de oralidade, ele é um texto literário e sua escrita foi elaborada de forma diferente de uma conversação dinâmica.

Nas sentenças acima, para que o leitor faça a interpretação como um todo, é importante que ele conheça a narrativa bíblica.

No primeiro caso, Caim e Abel eram irmãos, filhos de Adão e Eva. Abel era pastor de ovelhas; Caim era lavrador. Ambos fizeram ofertas ao Senhor, ao passo que Deus se agradou da oferta de Abel e rejeitou a de Caim. O Senhor explicou para Caim como deveria ser a oferta, para que ela fosse aceita: “Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo”. (Gênesis 4:7). Caim não deu ouvidos a Deus e matou seu irmão Abel. O conto parafraseia este episódio quando Jafé menciona que matará seu irmão, assim como Caim o fez e quando Sem afirma que a iniquidade de Caim está em seu irmão Jafé.

O segundo episódio de paráfrase encontrado no conto está narrado no livro de Gênesis, capítulo 4, versículos 19 a 24. Lameque era neto de Caim e fazia o que era mal perante os olhos do Senhor. Deus havia colocado um sinal em Caim e disse: “Qualquer que matar a Caim será vingado sete vezes.” (Gênesis 4:15). Lameque cresceu ouvindo essa história e parafraseou ao dizer: “Matei um homem porque ele me feriu; e um rapaz porque me pisou. Sete vezes se tomará vingança de Caim, de Lameque, porém, setenta vezes sete.” (Gênesis 4:24). No conto analisado, a ironia está na multiplicação da vingança: “Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes

sete, mas setecentas vezes setenta” (ASSIS, 2008, p. 66). Com o uso da paráfrase neste momento, o autor quis deixar de maneira hiperbólica que a maldade humana tinha aumentado drasticamente.

Ao lado de tantas aproximações entre o conto de Machado de Assis analisado e a linguagem bíblica, nossa proposta também põe sob análise partes sem semelhança evidente entre os textos, e a hipótese que o estudo levanta é a de que elas constituem pontos particularmente destinados a oferecer ao leitor a característica ironia machadiana, exatamente a face literária de Machado.

Passa-se, pois, para análise dos critérios lexicais e de construção do texto machadiano, com olhos para o seu distanciamento em relação à linguagem bíblica.

4.3 AS ESCOLHAS LEXICAIS NO DISTANCIAMENTO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA

Diferentemente das escolhas lexicais para aproximação do conto machadiano com a linguagem bíblica, em que se apresenta apenas um vocábulo próximo à linguagem bíblica, neste momento se encontram 21 ocorrências que são totalmente distantes do que é usual no texto sagrado tradicional (como a versão escolhida para análise deste trabalho e a, provavelmente, utilizada por Machado). Essa informação evidencia mais fortemente nossa hipótese sobre a face literária machadiana do conto em questão: construir ironia. No quadro a seguir, são relacionados os itens lexicais desse tipo encontrados no conto:

Verificação dos aspectos lexicais no distanciamento do conto machadiano com a linguagem bíblica

Sentença número	Expressão / Termo	Localização no conto
1	Fincando um pau no meio.	Capítulo A, versículo 14.
2	A corrente levaria o pau.	Capítulo A, versículo 14.
3	Espumar pela boca.	Capítulo B, versículo 1.
4	Esbulhas.	Capítulo B, versículo 6.
5	Descaradamente.	Capítulo B, versículo 6.

6	Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.	Capítulo A, versículo 21.
7	Sarcasmo.	Capítulo B, versículo 13.
8	Espalmar a mão.	Capítulo B, versículo 14.
9	Surriada.	Capítulo B, versículo 13.
10	Irritado.	Capítulo B, versículo 14.
11	Derreando.	Capítulo B, versículo 16.
12	Gatuno.	Capítulo B, versículo 16. Capítulo B, versículo 17.
13	Bufando.	Capítulo B, versículo 20.
14	Esmurrando.	Capítulo B, versículo 21.
15	Beiços.	Capítulo B, versículo 21.
16	Agarrados.	Capítulo C, versículo 2.
17	Cara.	Capítulo C, versículo 2.
18	Salpicada.	Capítulo C, versículo 8.
19	Engalfinhar.	Capítulo C, versículo 20.
20	Meditabundo.	Capítulo C, versículo 24.
21	Portinhola.	Capítulo C, versículo 25.

Tabela 2: Aspectos lexicais no distanciamento do conto machadiano com a linguagem bíblica

Quanto aos aspectos lexicais no conto, um dos pontos mais notáveis é a “atualização” da linguagem bíblica, conforme narrado pelo “autor” Eleazar, na parte publicada no jornal *O Cruzeiro* (anexo C deste trabalho): “a tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna para corresponder à ideia aproximada do original.” (ASSIS, 1878).

Palavras como (12) gatuno e (13) bufando, e termos como (1) ficando o pau no meio e (3) espumar pela boca são expressões incomuns em versões mais tradicionais da Bíblia. Seriam, ironicamente, traduções realizadas pelo autor que encontrou os capítulos inéditos de Gênesis e os transcreveu. Eis aqui a sátira e a ironia presentes na escrita machadiana.

4.4 AS ESCOLHAS CONSTRUCIONAIS NO DISTANCIAMENTO PRAGMÁTICO DO CONTO MACHADIANO COM A LINGUAGEM BÍBLICA

Da mesma forma, os constructos que se distanciam da linguagem bíblica presentes no conto são em número relevante: há 35 expressões que seriam muito improváveis na versão tradicional da Bíblia Sagrada; isso ocorre por conta não da construção em si, pois, após a análise, verifica-se que as construções utilizadas aparecem também na Bíblia; a diferença está em como o autor literário utiliza cada construção.

Os comentários do narrador e a fala das personagens são os pontos mais distantes de uma versão bíblica tradicional. No conto, a presença da perspectiva do narrador frente aos fatos é evidente em vários momentos. Alguns foram destacados neste trabalho para análise.

Muitas das construções pertencem, também, à fala das personagens (texto dialógico). Diferentemente do texto bíblico, que evidencia em maior quantidade a voz de Deus, o conto mostra uma grande presença de fala humana.

A partir do final do capítulo A e, principalmente, nos capítulos B e C, os enunciados das personagens apresentam um tom pejorativo que se distancia totalmente de qualquer possível diálogo existente na versão tradicional da Bíblia Sagrada. Mais uma vez se percebe que a criação literária em exame, apesar de apresentar características de um texto bíblico (por exemplo, o uso de capítulos e versículos), em determinado momento distancia-se propositadamente disso, criando justamente o estilo particular que é foco de exame neste trabalho.

O conto se difere muito ao texto bíblico quando dá voz aos homens. No texto bíblico, quem tem a voz é Deus. Ele diz o que Noé deverá fazer e este O obedece, levando consigo a sua família. Não há no registro bíblico nenhum relato dialógico entre as pessoas que estavam dentro da arca. As falas presentes são única e exclusivamente de Deus para com Noé. No conto, porém, a fala humana é presente em todo momento, de forma pejorativa e irônica. A tabela a seguir será o suporte para as sentenças destacadas para verificação. São estas as principais proposições que marcam esse distanciamento construcional:

Alterações semânticas, orações interrogativas, repetição e mundo comentado serão os pontos analisados nas sentenças escolhidas.

Verificação dos aspectos construcionais que apresentam distanciamento pragmático do conto machadiano com a linguagem bíblica

Sentença número	Texto	Localização no conto
1	O caso era de direito e não de persuasão.	Capítulo B, versículo 3.
2	Pondo uma das mãos no peito de cada um.	Capítulo B, versículo 9.
3	E puxaram as orelhas e o nariz de Cam.	Capítulo B, versículo 13.
4	E Jafé, metendo os dois dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.	Capítulo B, versículo 13.
5	Jafé ameaçou a Sem com os punhos fechados.	Capítulo B, versículo 16.
6	Avançaram um para o outro e atracaram-se.	Capítulo B, versículo 18.
7	Segurando o irmão pela cinta.	Capítulo B, versículo 18.
8	Sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe.	Capítulo B, versículo 19.
9	Espumando de cólera.	Capítulo B, versículo 19.
10	Suando e bufando como touros.	Capítulo B, versículo 20.
11	Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces.	Capítulo B, versículo 21.
12	E eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas.	Capítulo B, versículo 22.
13	E achou-os ainda agarrados um ao outro, e Sem debaixo do joelho de Jafé, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.	Capítulo C, versículo 2.
14	(...) conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: “Larga-me! Larga-me!”.	Capítulo C, versículo 3.

15	Tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.	Capítulo C, versículo 8.
16	O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro.	Capítulo C, versículo 9.
17	Estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.	Capítulo C, versículo 11.
18	Mas os dois irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam.	Capítulo C, versículo 20.
19	Só a muito custo puderam (...) conter os dois combatentes.	Capítulo C, versículo 21.
20	Cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.	Capítulo C, versículo 21.
21	“Vai bugiar!”	Capítulo A, versículo 17.
22	“Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu?”	Capítulo A, versículo 17.
23	“Por que não me mandas logo para os confins do mundo?”	Capítulo B, versículo 5.
24	“Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?”	Capítulo B, versículo 6.
25	“E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já”.	Capítulo B, versículo 7.
26	“Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?”.	Capítulo B, versículo 8.
27	“Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice”.	Capítulo B, versículo 13.
28	“Deixa estar”.	Capítulo B, versículo 14.

29	“Ou tu me cedas as duas margens, ou te quebro uma costela”.	Capítulo B, versículo 15.
30	“Não te cedo nada, gatuno!”.	Capítulo B, versículo 16.
31	“Gatuno és tu!”.	Capítulo B, versículo 17.
32	“Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre”.	Capítulo C, versículo 19.
33	Enquanto o lobo e o cordeiro (...) começaram a vigiar-se um ao outro.	Capítulo B, versículo 10.
34	“E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem (...)”	Capítulo A, versículo 12
35	“(...) para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós”	Capítulo A, versículo 16

Tabela 3: Aspectos construcionais no distanciamento do conto machadiano com a linguagem bíblica

4.4.1 Alterações semânticas

A Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, é repleta de figuras de linguagem. Köstenberger e Patterson (2015, p. 616) assinalam que “para uma boa leitura da Bíblia, precisamos aprender a interpretar sua linguagem figurada”. Um exemplo bem conhecido de uso metafórico na Bíblia é o Salmo 23:1 “O Senhor é o meu pastor”. Neste exemplo, há uma suposição da ideia de que o Senhor se relaciona com o seu povo assim como o pastor se relaciona com suas ovelhas. A figura de linguagem é, portanto, uma “nova forma de ver ou entender, que atribui as ideias e associações de um termo (o veículo) ao outro (o teor)” (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 617). É certo que conhecer o contexto é de extrema importância para a interpretação de uma figura de linguagem. Saber o que significava um pastor de ovelhas no tempo em que o livro de Salmos foi escrito trará ao leitor entendimento mais aprofundado de seu significado no versículo mencionado como exemplo. Köstenberger e Patterson entendem a importância do contexto para a interpretação da seguinte maneira:

Contexto implica o contexto linguístico imediato, a situação histórica (e os significados das palavras nessa situação histórica) e o contexto canônico dessas figuras importantes, como cordeiro, pastor, noivo e rei. Por isso, as pistas contextuais para interpretar as figuras de linguagem são teológicas, bem como semânticas, sintáticas e canônicas. Todos esses âmbitos do contexto são importantes para interpretar figuras de linguagem. (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 627).

Köstenberger e Patterson (2015) assinalam seis tipos de figuras de linguagem presentes na Bíblia, a saber: antropomorfismo, eufemismo, hipocatástase, imagem, metáfora e metonímia.

Algumas figuras de linguagem também são encontradas no conto. Entretanto, as utilizadas são de interpretação satírica, ironizada e pejorativa. É o caso das sentenças:

(9) **Espumando de cólera**

(10) Suando e bufando **como touros**

(15) Tinham lutado com **unhas e dentes**, instigados de **ódio mortal**.

(18) Mas os dois irmãos, **cegos de raiva**, outra vez se **engalfinharam**.

(23) Por que não me mandas logo para **os confins do mundo**?

(32) Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas **unhas de tigre**.

É sabido que nem sempre a palavra guarda seu significado etimológico. Por diversos motivos, a palavra ultrapassa os limites de sua primitiva esfera semântica e assume novos valores. Uma das alterações é a metáfora. Bechara (2009) a define como “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados.” (BECHARA, 2009, p. 397). Em concordância, NEVES (2018) pontua que a metáfora é a “transposição de significado, bastante corrente no uso, obtida pela similaridade de conceitos confrontados.” (NEVES, 2018, p. 1335).

A metáfora é uma das principais causas de mudança de significação de palavras. Quanto a isso, Bechara (2009) aponta:

A metáfora não resulta – como tradicionalmente se diz – de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada. Importa, outrossim, distinguir a metáfora *linguística* (linguisticamente motivada pelo descompasso dos termos implicados nas solidariedades) da metáfora *motivada extralinguisticamente* pelo nosso saber sobre as coisas, como ocorre em expressões metafóricas do tipo de *não ponha a carroça diante dos bois* para expressar a inversão incorreta de uma ação ou de um juízo. As metáforas têm largo emprego na língua espontânea e literária, e nesta teve grande difusão entre os poetas simbolistas. A

literatura moderna tem uma preferência para a metáfora oposta à comparação explícita. É a fusão imediata do mundo pessoal e do objetivo, do espiritual e do concreto, que levam a uma identificação direta, sem elos de ligação que intermedeiem a passagem dum plano para outro. (BECHARA, 2009, p. 398).

Veja-se como exemplo a sentença:

(18) Mas os dois irmãos, **cegos de raiva**, outra vez se **engalfinharam**.

Neste trecho, há dois exemplos de figura de linguagem. “Cego de raiva” significa deixar-se influenciar pelas emoções e não carregar nenhuma ação nos próprios atos. Já “engalfinhar” significa iniciar uma discussão intensa e às vezes entrar em uma luta corporal. Ambas as figuras de linguagem são comuns no meio social, em uma conversa espontânea e cotidiana. Não seriam encontradas em uma versão tradicional da Bíblia, que preza pela linguagem erudita e sensível.

4.4.2 Frases interrogativas

No conto, as orações interrogativas são carregadas de afronta. As perguntas das sentenças:

(22) Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu?”,

(23) “Por que não me mandas logo para os confins do mundo?”,

(24) “Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?” e

(26) “Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?”

são retóricas, elas não esperam por uma resposta. Quanto a este assunto, Fávero, Andrade e Aquino (2006) apontam que “as perguntas podem fazer restrições sintáticas às respostas, mas essas restrições não são absolutas, sendo fundamentais as de caráter proposicional (...). Embora as restrições principais sejam de caráter semântico, intervêm fatores de ordem pragmática.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 136).

No exemplo abaixo, presente na sentença (24), há algumas perguntas que, se fossem para ser respondidas, deveriam ter como resposta *sim* ou *não*:

(24) Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?

Fávero, Andrade e Aquino (2006) afirmam que “um ato de fala, a pergunta, escolhe uma resposta e um outro ato de fala, a resposta, é a ação escolhida pela pergunta.” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 136).

No exemplo dado, a resposta como ação à pergunta é a atitude de Sem contra Jafé:

“ - Então Sem avançou para Jafé; mas Cam interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um” (ASSIS, 2008, p. 63).

Com isso, é percebido que uma pergunta pode ser seguida de atos de fala que não são necessariamente uma resposta; não há uma certa determinação lógica na ordenação de pergunta e resposta: depende muito do contexto e da relação dos “falantes” que, no conto analisado, são as personagens Sem e Jafé. Verifica-se assim que a relação pergunta-resposta não é uma questão meramente formal. Fávero, Andrade e Aquino (2006) salientam que:

uma pergunta é definida como um enunciado que pode exigir uma resposta. Resposta é qualquer enunciado que esteja relacionado coerentemente com a pergunta formulada previamente. Resposta pode constituir-se, dessa maneira, de outra pergunta, de respostas pessoais, de declarações de ignorância do assunto, de negação da relevância de pergunta, de detalhamento da pressuposição de resposta etc. (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2006, p. 138).

A mesma ocorrência está presente nas sentenças analisadas. Nenhuma das perguntas foram feitas com o objetivo de se ter uma resposta; foram elaboradas com afronta, destacando o tom de briga entre os irmãos.

O último ponto a ser analisado neste aspecto do distanciamento da linguagem do conto quanto à linguagem bíblica é a presença do comentário na fala do narrador.

4.4.3 Presença do tempo comentado

Quanto à participação do narrador na escrita do texto, Lee e Stuart (2011) defendem a ideia de que:

Em primeiro lugar, uma vez que ele [o narrador] é o único que escolhe o que dizer na história, ele é, do mesmo modo, “onisciente”; ele está em todos os lugares e sabe tudo sobre a história narrada, contudo ele nunca compartilha tudo que ele sabe, e *muito menos comenta, explica ou avalia algo durante o decorrer da narrativa*. Seu papel é contar a história de forma que você entre na narrativa e visualize os fatos por si mesmo. (LEE; STUART, 2011, p. 114, grifo meu).

Como foi visto na explanação da ideia de Beale (2014), no capítulo: A linguagem bíblica e a linguagem da literatura, e a teoria de Weinrich a respeito da metáfora temporal, mesmo que não haja a intenção de expor o comentário, o autor deixa marcas de seu ponto de vista referente a determinado assunto. Há algumas narrativas bíblicas em que a presença do comentário é bem forte; há outras em que realmente não se encontra nenhum posicionamento do narrador no decorrer da história. É o caso do texto analisado neste trabalho. Os capítulos 6 e 7 do livro de *Gênesis* não apresentam comentários ou posicionamento do autor do texto. O texto é todo escrito dentro do tempo narrado. Ao contrário do conto, em que a presença do comentário do narrador é fortemente marcada, como pode-se verificar nas sentenças abaixo (algumas sentenças serão trechos inteiros retirados do conto, para maior detalhamento da presença do tempo comentado):

(1) O caso **era** de direito e não de persuasão.

Vê-se, neste exemplo, o comentário do narrador ao explicar que os irmãos tinham direitos e estavam lutando por eles. Chamar as mulheres para tentar persuadir cada uma a seu marido não seria o ideal.

(4) E Sem e Jafé **riram** com desprezo e sarcasmo, **dizendo**: “**Vai** plantar tâmaras! **Guarda** a tua ideia para os dias da velhice.” E **puxaram** as orelhas e o nariz de Cam; e Jafé, **metendo** os dois dedos na boca, **imitou** o silvo da serpente, em ar de surriada.

Há um exemplo na Bíblia, versão ARA, que apresenta um momento de zombaria da seguinte maneira:

*Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: **Clamai** em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará. (1 Reis 18:27)*

Este trecho bíblico narra o momento em que Elias desafia os profetas de Baal para que o deus deles acenda o altar com fogo, sem a intervenção dos homens. O texto narra que os adoradores de Baal clamam por muito tempo, sem obter resposta. Nesse momento, Elias zomba dos profetas e profere essas palavras. Diferentemente do texto analisado para este trabalho, a narrativa de Reis apresenta a metáfora temporal. Em ambos os fragmentos, é encontrada a mescla entre tempo narrado (verbos no pretérito) e tempo do comentário (verbos no presente, que objetivam envolver o leitor na leitura do diálogo). No texto bíblico de 1 Reis não há, entretanto, um tom pejorativo (*com desprezo e sarcasmo*), nem o detalhe como o há no conto. A atitude de Jafé foi detalhada com comentários do narrador, ao afirmar como ele imitou o silvo da serpente. Não é comum na versão tradicional da Bíblia encontrar detalhes de como a pessoa agiu (por exemplo como em “metendo os dois dedos na boca” e “em ar de surriada”).

Eis um trecho do conto em que há essa mescla de tempos verbais, presentes nas sentenças (5), (6), (7), (8), (9), (10), (11) e, (12):

Ora, Cam, *envergonhado e irritado*, **espalmou** a mão **dizendo**. “**Deixa estar!**” (...) **Dizendo** isto, Jafé **ameaçou** a Sem *com os punhos fechados*, enquanto Sem, *derreando o corpo*, **disse**, *com voz irada*: “Não te **cedo** nada, gatuno!” Isto **dito**, **avançaram** um para o outro e **atracaram-se**. Jafé **tinha** o braço *rijo e adestrado*; Sem, *que era forte*, **sacudiu** o corpo e **atirou** o irmão para longe; Jafé porém, *espumando de cólera*, **tornou a apertar** o irmão, e os dois **lutaram** braço a braço, *suando e bufando como touros*. Na luta, **caíram e rolaram**, *esmurrando-se* um ao outro; *o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces*; ora **vencia** Jafé, ora **vencia** Sem; porque a *raiva animava-os igualmente*, e eles **lutavam** *com as mãos, os pés, os dentes e as unhas*; e a arca **estremecia** *como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu*. (ASSIS, 2008, p. 64, grifos meus)

Neste trecho, nos pontos em negrito, é notável que os tempos verbais mais utilizados são os do tempo narrado (pretérito). Onde há diálogo, porém, há a forma do verbo no presente, apresentando a mescla com o mundo comentado. Em itálico, observa-se o parecer do narrador referente ao momento. É nítido neste fragmento que, muito além de narrar o fato, a perspectiva do narrador (e, muitas vezes, a avaliação dele sobre determinada atitude) é exposta a todo momento, o que difere muito na narrativa de *Gênesis*, capítulos 6 e 7. No conto, são apresentados detalhes minuciosos, para que o leitor possa imaginar as atitudes dos irmãos no momento da briga.

Um outro exemplo que pode destacar a presença do comentário do narrador é o seguinte:

(33) Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, **tinham vivido** na mais doce concórdia, **ouvindo** o rumor das vozes, **vieram** espreitar a briga dos dois irmãos, e **começaram a vigiar-se** um ao outro.

Percebe-se como o narrador apresenta a atitude do lobo e do cordeiro. A relação entre eles é de predador e presa. Quando a briga começou entre os irmãos, os animais, que estavam na mais doce concórdia, começaram a se vigiar, com medo de brigarem, também.

Segundo Weinrich (1968), a função dos tempos verbais não é a de marcar o tempo (cronológico), mas sim de “cientificar o ouvinte (ou leitor) quanto à situação comunicativa em que a linguagem se atualiza”. (WEINRICH, 1968, citado por SANTOS, p. 5).

A narração da sentença (33) começa com o verbo no passado que, de acordo com a teoria de Weinrich, são característicos do mundo narrado. Logo após há, porém, o verbo *ouvindo*, no presente, com o objetivo de retratar o momento mais importante da narrativa nesta sentença: o relacionamento entre o lobo e o cordeiro estava em paz e sossego, até o momento em que ouviram a briga e tudo mudou: começaram a vigiar-se. O uso do tempo presente visa uma maior atenção por parte do leitor.

Se o mesmo verbo *ouvindo* estivesse no pretérito como os demais, a relevância a este ponto não seria tão visível.

Por fim, segue mais um exemplo, agora com um diálogo, na sentença (29):

(29) Jafê porém **disse** a Sem: - "Agora que **estamos** sós, **vamos decidir** este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me **cedes** as duas margens, ou eu te **quebro** uma costela."

Nesse diálogo, percebe-se o uso dos tempos verbais no presente (mundo comentado) durante todo o diálogo. O tempo passado (mundo narrado) aparece no primeiro verbo *disse*. Os tempos no presente neste contexto representam maior tensão aos fatos narrados. O leitor fica comprometido com as ações e o texto perde a característica narrativa (apenas um relato), para ganhar um maior envolvimento do leitor. Pode-se observar a partir da escolha deste tempo verbal que, no decorrer do conto, a metáfora temporal se intensifica de tal forma que o narrador utiliza um número maior de verbos no presente, mesclando-o com as formas do pretérito, na narração. Santos (2011) trata esse assunto da seguinte maneira:

As abordagens acerca da metáfora temporal evidenciam a língua enquanto mutável, flexível e intrínseca a um contexto de uso, não possuindo, pois, significados fixos e cristalizados. (...) Linguagem e interação são intrínsecas. O verbo, nessa perspectiva, não deve ser analisado fora do contexto comunicativo, pois embora esteja no presente, por exemplo, pode retratar uma ação passada ou ideia futura, não há, portanto, uma identidade delimitada, uma função única. A forma (a conjugação) não deve prevalecer sobre a função. (SANTOS, 2011, p. 183).

Como visto anteriormente, o tempo do mundo narrado trata de sinais linguísticos em que o conteúdo da comunicação é entendido como um relato. Nas demais situações de comunicação, o linguista afirma que se emprega o tempo do mundo comentado.

Nos textos analisados, observa-se o tempo narrado predominantemente no relato bíblico. No conto, porém, o tempo do comentário é inserido nos momentos da narração e da fala das personagens. A metáfora temporal não ocorre de forma aleatória, sem intencionalidade.

4.4.4 Técnica de repetição

A compreensão da técnica de repetição é desafiadora, principalmente para o leitor moderno, que a vê como um recurso pobre dentro das narrativas. Entretanto, a presença da repetição em textos bíblicos é algo constante e deve ser olhado de forma peculiar. Alter (2007, p. 138) afirma que a maioria das repetições presentes na Bíblia são propositais e vêm de um contexto oral:

Como várias indicações na própria Bíblia sugerem, as narrativas costumavam ser lidas em voz alta a partir de rolos de papiro para algum tipo de plateia (parcialmente analfabeta), em vez de circular de mão em mão para ser lidas como fariamos hoje. Assim, o próprio ato de desenrolar o papiro correspondia de certa forma ao desenrolar da bobina de um projetor de cinema: nessas condições, o tempo e a sequência dos acontecimentos apresentados não podiam ser detidos ou alterados, e o único modo de fixar e destacar uma ação ou frase consistia em repeti-la. (ALTER, 2007, p.140).

Para que os ouvintes memorizassem as partes mais importantes do papiro, os escribas se utilizavam da técnica de repetição. Há, na Bíblia, textos grandes, que são repetidos literalmente em outro momento (como é o caso dos dez mandamentos encontrados no livro de Êxodo e em Deuteronômio), com a intencionalidade de reforçar algo que já foi dito anteriormente. No texto, a análise limitou-se a expressões repetidas, encontradas no conto, como meio de expressão. É importante ressaltar que essa técnica não é encontrada exclusivamente em textos bíblicos; está presente em narrativas literárias universais. Mas, como objeto de análise deste trabalho é a linguagem literária e a linguagem bíblica, serão postos em foco os propósitos de repetição a que a Bíblia considera.

Alter (2007) afirma que a repetição seria uma forma de argumento retomado e ratificado para compreensão dos leitores (ouvintes) da Bíblia, a saber:

Se as condições da récita oral e de uma longa tradição prescreviam um modo narrativo em que a repetição literal frequente era obrigatório, o fato é que os escritores bíblicos descobriram com grande astúcia pequeníssimas variações estratégicas do padrão poderiam servir ao comentário, à análise, à antecipação e à afirmação temática, com efeitos admiráveis de insinuação e intensidade dramática. (ALTER, 2007, p. 141)

Há na Bíblia exemplos de versículos como:

(...) Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir.” (Apocalipse 4:8b)

e

*Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas.
(Lucas 10:41)*

No primeiro versículo aqui exposto, há a ênfase no adjetivo *santo*, com o foco de exaltar a santidade de Deus (santíssimo). O pronome relativo *que* é usado três vezes, dando ênfase particular ao Senhor Deus, que é único e que possui uma existência peculiar (era, é e há de vir). Já no segundo versículo exemplificado, a repetição do nome *Marta* é estratégia para chamar a atenção à atitude serena de Jesus frente à ansiedade de Marta. A repetição do nome, como se fosse para acalmar a personagem, é feita pelo narrador de maneira seletiva e intencional.

Sob esse ponto de vista, de que as repetições são intencionais e, estrategicamente, cumprem a um propósito, as sentenças abaixo presentes no conto serão brevemente analisadas:

(14) (...) conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: “**Larga-me! Larga-me!**”.

(16) O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias **de um e outro**, e os cabelos **de um e outro**.

(25) “E que, se é preciso **correr sangue, o sangue há de correr já e já**”.

(34) “E **a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem** (...)”

(35) “(...) para que **nunca jamais** se turbe a concórdia entre nós”

As sentenças (14) e (25) apresentam a necessidade da ênfase na repetição dos termos: *larga-me e correr sangue já e já*, apresentando a “intensidade dramática” e a “sintaxe de pura ênfase”, defendidas por Alter (2007).

As sentenças (16) e (34) são bem próximas à narrativa bíblica em que a repetição é algo comum, visto que “os padrões idiomáticos do hebraico toleram um grau bem maior de repetição que as línguas ocidentais.” (ALTER, 2007, p.143). Por este motivo, de acordo com o autor, a repetição tem sido substituída nas traduções da Bíblia por palavras sinônimas. As versões mais tradicionais mantêm a repetição em maior quantidade; já as versões mais atuais optam pela substituição e inclusão de sinônimos. Esse motivo ratifica a sugestão de que Assis era leitor de uma Bíblia de versão tradicional.

Quanto à sentença (35), pode-se dizer que o objetivo é literário pois, a repetição de *nunca jamais* e do termo *a concórdia* se deve à necessidade de recorrer à temática inicial: concórdia (paz) entre os irmãos. Essa repetição carrega consigo, no dizer de Alter (2007), “os significados que adquiriram em contextos anteriores, trazendo-os para o presente ou levando-os para o futuro, tornando mais complexas e entrecidas as ideias e ações” (ALTER, 2007, p. 143). Essa quebra de temática (a concórdia dá lugar à ira e à briga) é intencional e apresenta a visão da literatura realista.

O que se pode verificar com essa análise é que, na parte do distanciamento linguístico, a diferença que fica evidente é a ironia na construção. Na Bíblia, há paráfrase, há figuras de linguagem, há orações exclamativas e interrogativas, há presença do comentário, há a técnica da repetição. Não são recursos inexistentes em um texto bíblico. Entretanto, cada uma dessas construções possuem um foco diferente do conto literário: trazer reflexão ao leitor sensível da Bíblia. O conto, por sua vez, não pretende fazer o leitor refletir sobre algo transcendente; seu objetivo é puramente estético. Assis, com maestria, apresenta características linguísticas tão distantes da Bíblia e, ao mesmo tempo, tão próximas, que torna seu texto literário um clássico universal. Com ironia, ele apresenta o aspecto decaído do homem. Enquanto a Bíblia narra o desastre da terra (dilúvio), Machado narra o desastre da natureza humana.

Analisar um conto com viés funcionalista é refletir sobre o processo de construção do enunciado, com referida atenção à gramática, a qual “organiza as relações, constrói as significações e define os efeitos pragmáticos que fazem do texto uma peça em função” (NEVES, 2006, p. 11).

O texto em análise tem o distanciamento no propósito, no efeito pragmático, isso para causar ironia, chocar o leitor, provocar o riso. Ao contrário da escrita bíblica, a escrita literária não se preocupa com a repercussão que poderá ocorrer caso haja esta ou aquela escolha

lexical. Este trabalho trouxe para foco a importância de verificar a linguagem muito além da norma fixa; a língua em uso dá oportunidades de analisar a gramática a partir de sua função. Há muito o que falar ainda sobre este tema (língua e literatura). O que há aqui é análise de apenas uma parte desse universo linguístico e a amostragem da necessidade de uma continuidade de pesquisa, que, espera-se, seja de interesse de outras pessoas que estudam a Gramática Funcional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou verificar e trazer em discussão características linguísticas que apresentam semelhanças e diferenças entre o discurso bíblico e o literário, numa situação dialógica. Foi proposto verificar os pontos de aproximação e de distanciamento da linguagem entre os dois textos em análise, tendo como base a teoria funcionalista, em que se estuda o uso da linguagem em situações reais.

Para a construção do trabalho, os seguintes questionamentos serviram de apoio: o que se mantém dentro do conto com natureza bíblica? O que se distancia de forma irônica ou pejorativa?

Para essas perguntas, tinha-se, como hipótese, que o léxico se aproximaria da natureza bíblica em maior quantidade em relação à construção. Também se defendia a hipótese de que a presença do distanciamento nas construções linguísticas seria de maior número quanto ao léxico.

Ambas as hipóteses não foram confirmadas, visto que, em primeiro lugar, a palavra considerada realmente de linguagem bíblica é apenas uma: *côvado*. Em segundo lugar, ao analisar alguns textos bíblicos sob a ótica de obras que estudam a linguagem da Bíblia, percebeu-se que as construções utilizadas por Machado são encontradas no texto sagrado. O que se diferencia em grande parte é o léxico. O uso das palavras e expressões pejorativas distancia completamente o texto literário do texto sacro, em sua versão tradicional, utilizada como fonte para este trabalho.

Pode-se assim afirmar que há um maior distanciamento no vocabulário utilizado no conto. As construções se mantêm (antes e depois da briga entre os irmãos) de formas bem próximas às construções encontradas na Bíblia. O vocábulo, entretanto, é altamente alterado quando o autor dá maior ênfase à humanidade presente na briga narrada. As falas das personagens e a forma como o narrador conta o conflito ocorrido dentro da arca muito diferem do início do conto, momento em que “havia paz e concórdia”. E essas diferenças estão justamente nas palavras utilizadas, e não nas construções das orações, como era o parecer inicial, antes da realização da pesquisa.

Quanto à aproximação do conto à linguagem bíblica no campo lexical, verificou-se haver uma palavra mais utilizada (e conhecida) no universo sagrado: *côvado*.

Já no campo construcional, foram verificadas 5 construções próximas, a saber: presença do *e* no início de períodos; utilização dos verbos *falar e dizer*; uso do verbo conjugado na segunda pessoa; construções quanto à anteposição e uso de paráfrases.

Quanto ao distanciamento do conto em relação à linguagem bíblica, no campo lexical, há diversos exemplos. Foram elencados neste trabalho 21 vocábulos, termos ou expressões coloquiais, próprias da linguagem cotidiana e distantes da linguagem bíblica (tradicional).

No campo construcional, quanto ao distanciamento, foram apontadas 35 expressões que se afastam da linguagem tipicamente bíblica tradicional. Dentro desses 35 trechos, foram analisadas as construções subseqüentes: alterações semânticas; frases interrogativas; presença do tempo comentado e técnica de repetição. Foi verificado, no decorrer da pesquisa, que as construções linguísticas acima também eram presentes no texto bíblico e, algumas vezes, com comentário e ironia, como foi o exemplo exposto de 1 Reis 18:27.

Esta análise encontrou o seguinte resultado: a técnica literária utilizada no conto para chocar o leitor, principalmente o leitor bíblico devoto, é o distanciamento no campo lexical. A Palavra de Deus é tida como sagrada e santa para os seus fiéis. Utilizar palavras pejorativas e expressões rotineiras como se fossem de um texto bíblico é visto como blasfêmia pelos que nela creem.

As construções são comuns tanto no campo litúrgico como no campo literário. As diferenças estão no uso da linguagem e em seu vocabulário, predominantemente.

É oportuno lembrar que este trabalho pôs foco na análise com base na teoria da Gramática Funcionalista, que analisa a língua em funcionamento, muito além da sintaxe e das nomenclaturas. Como salienta Neves:

Uma análise de base funcionalista penetra a organização dos enunciados para avaliá-los não apenas sob diversos níveis (predicacional; proposicional; ilocucional), mas também sob os diversos ângulos que envolvem a atividade linguística (textual/informacional; interacional), e o faz sempre com incorporação dos diversos componentes (sintático; semântico; pragmático). (NEVES, 2006, p.226).

E é a questão pragmática o ponto mais forte da análise aqui apresentada. O leitor de Assis era um leitor conhecedor de Bíblia, dados os estereótipos de homens da elite (leitores de jornal) da época. Um leitor da Bíblia pode ser um leitor profundo de Machado de Assis, visto que consegue observar de maneira refinada detalhes linguísticos colocados no texto com objetivos próprios de ironia. Conhecer a narrativa bíblica trará ao leitor do conto um maior repertório de criticidade e apreciação.

A teoria funcionalista auxiliou muito nos estudos das análises propostas neste trabalho. Verificar a linguagem além de um conjunto de normas possibilitou este olhar diferenciado para as construções próprias do conto. Estudar a língua em função possibilita uma análise mais ampla e realista quanto ao uso da linguagem. Este trabalho levantou alguns aspectos. Muito há

o que se dizer a respeito deste conto em diálogo ao texto bíblico. Para esta análise, entretanto, um corte delimitado no assunto foi necessário, para que se aprofundasse no ponto em questão: aproximação e distanciamento linguístico do conto quanto à linguagem bíblica.

As perguntas propostas foram respondidas. Analisar um conto literário sob a ótica da Gramática, especificamente da Gramática Funcional, foi o desafio proposto no início da pesquisa. Ao final deste trabalho, pode-se dizer que, com base nos estudos aqui realizados, como diz Veríssimo (2009), entrar no “mundo mágico da linguagem” é algo que todo estudante de língua, principalmente, de Gramática, precisa fazer. É urgente a necessidade de analisar textos literários com estes olhos e deixar de ensinar a gramática como um “compartimento estanque de entidades estocadas em prateleiras organizadas”. (NEVES, 2018, p. 18). Como foi visto nesta pesquisa, a análise funcionalista abre portas de formas diferentes que se enxergava antes. Isso é gramática. Isso é linguagem em função. Isso é mágica. Isso é vida!

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AIROLD, Fulvia Colombo. Resenha da obra de HARALD WEINRICH, *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid, Gredos, 1968;396p. *Anuario de Letras. Lingüística y Filología*, volumen 9, 1971. Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad Universitaria, Delegación Coyoacán, Ciudad de México. Disponível em: < <https://revistas-filologicas.unam.mx/anuario-letras/index.php/al/article/view/1207>>. Acesso em: 05 mai 22.

AGUIAR, Luiza Helena Daminani. **Machado de Assis em Jornal e Livro: Os Diferentes Suportes e Sentidos dos Três Contos de *Papéis Avulsos* Publicados Antes de *Memórias Póstumas de Brás Cubas***. 2020. 358f. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade de São Paulo, 2020.

_____. “Na arca” de Machado de Assis: as relações entre suporte e produção de sentido. **Revista Investigações**, Recife, v.33, n.1, p.1-21, 2020.

ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARAÚJO, Gilvan Leite de. A Arca da Aliança. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 51 n. 2 p. 234-248 jul./dez. 2011.

ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BEALE, Gregory K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. Tradução: Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problema de linguística geral 2**. Tradução: Eduardo Guimarães. 2.ed. Campinas: Pontes, 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BLÜHDORN, Hardarik. A intertextualidade e a compreensão de texto. Publicado em: Published in: Wieser, Hans Peter & Ingedore G. Villaça Koch (eds.): **Linguística Textual: Perspectivas Alemãs**. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Pp. 186-212. Disponível em: <https://ids-pub.bsz-bw.de/frontdoor/deliver/index/docId/6001/file/Bluehdorn_A_intertextualidade_e_a_compreen_sao_de_texto_2009.pdf>. Acesso em: 19 mai. 22.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CAETANO, Érico Augusto Silva. **Retóricas de ruptura na linguística do século XX: Chomsky e Halliday em uma análise pela historiografia da linguística.** 2019. 214f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

CARVALHO, Tarcízio José de Freitas. A abordagem lingüística textual e os estudos do antigo testamento. **Fides Reformata XIII**, n.1, 2008, p. 87-107. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/5-A-abordagem-linguistica-textual-e-os-estudo-do-Antigo-Testamento-Tarc%C3%ADzio-Jos%C3%A9-de-Freitas-Carvalho.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) **Gramática do Português Falado.** - vol. 3: As abordagens. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CRYSTAL, David; DAVY, Derek. The language of religion. In: **Investigating English Style.** London and Harlow: Longmans, green and Co Ltd, 1969. Pp. 147-172.

DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira Duarte. Elementos para o estudo da paráfrase. **Revista Letras**, n. 59, jan./jun. 2003. Curitiba: Editora UFPR.

DANCYGIER, Barbara. Proximal and distal deictics and the construal of narrative time. **Cognitive Linguistics**, 2019. Disponível em: <<https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/cog-2018-0044/html>>. Acesso em janeiro 2022.

Dicionário Hebraico/Português. Disponível em: <<https://hebraico.pro.br/r/dicionariohebraico.asp>>. Acesso em julho 2022.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação.** São Paulo, Ática: 1996.

GHIO, Elsa; NAVARRO, Federico; LUKIN, Annabelle. **Obras esenciales de M.A.K. Halliday.** Santa Fe: Ediciones UNL, 2017.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Funcional Grammar.** London: Edward Arnold Publishers, 1985.

_____. **An Introduction to Funcional Grammar.** 2.ed. London: Edward Arnold Publishers, 1994.

_____. **El lenguaje como semiótica social:** La interpretación social del lenguaje y del significado. Trad. SANTANA, J. F. Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2001.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; HASAN, Ruqaya. **Cohesion in English.** London: Longman, 1976.

HILGERT, José Gaston. Parafraseamento. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi e KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática do português culto falado no Brasil.** Campinas: Unicamp, 2006.

ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do Português Falado**. - vol. 2: Níveis de análise linguística. 4.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. Tradução de: Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. Citado por: ZILBERMAN, Regina. Discurso Literário e Intertextualidade. **Teoria da Literatura I**. 2.ed. Curitiba: 2012.

KATO, Mary A. (org.) **Gramática do Português Falado**. - vol. 5: Convergências. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2.ed. São Paulo: 2015.

_____. Especificidade do texto falado. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

_____. O desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (set. 1999)**. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/delta/a/WJpG4w4vGdFhkPGrvqTmzmq/?lang=pt&format=html> > . Acesso em 10 out. 2022.

_____. **Argumentação e linguagem**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. Um modo de falar: interpretação da linguagem figurada. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica (história, literatura e teologia)**. Tradução: Daniel H. Kroker; Marcus Throup; Thomas de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LEE, EunHee. 2017. Discourse properties of now. **Journal of Linguistics** 53. 613–640.

LERNER, Elizabeth. La actitud de locución: Sobre Estructura y función de los tiempos en el lenguaje. **Cuadernillo 2 2017vz**.

Disponível em: < https://www.academia.edu/39249288/Cuadernillo_2_2017_vz >. Acesso em 17 mai. 2022.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. **A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais**. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, Inês. **Investigando a relação oral/ escrito**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. Interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018a.

SIMMS, Karl. **Translating sensitive texts: linguistic aspects**. Amsterdam, Atlanta: GA, 1997. Citado por LOPES, Mariú Moreira Madureira. A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. 2.ed. Curitiba: 2012.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Madrid,: Gredos, 1968. (Seleção de fragmentos de Elizabeth Lerner).

ANEXOS

ANEXO A – Narrativa Bíblica Gênesis 6 e 7 (Bíblia Nova Almeida Revista e Atualizada)

Capítulo 6

1 Como se foram multiplicando os homens na terra, e lhes nasceram filhas,
2 vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres,
as que, entre todas, mais lhes agradaram.

3 Então, disse o Senhor : O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal;
e os seus dias serão cento e vinte anos.

4 Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus
possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de
renome, na antiguidade.

5 Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era
continuamente mau todo desígnio do seu coração;

6 então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração.

7 Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal,
os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito.

8 Porém Noé achou graça diante do Senhor.

9 Eis a história de Noé. Noé era homem justo e íntegro entre os seus contemporâneos; Noé
andava com Deus.

10 Gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé.

11 A terra estava corrompida à vista de Deus e cheia de violência.

12 Viu Deus a terra, e eis que estava corrompida; porque todo ser vivente havia corrompido
o seu caminho na terra.

13 Então, disse Deus a Noé: Resolvi dar cabo de toda carne, porque a terra está cheia da
violência dos homens; eis que os farei perecer juntamente com a terra.

14 Faze uma arca de tábuas de cipreste; nela farás compartimentos e a calafetarás com betume
por dentro e por fora.

15 Deste modo a farás: de trezentos côvados será o comprimento; de cinquenta, a largura; e
a altura, de trinta.

16 Farás ao seu redor uma abertura de um côvado de altura; a porta da arca colocarás
lateralmente; farás pavimentos na arca: um em baixo, um segundo e um terceiro.

17 Porque estou para derramar águas em dilúvio sobre a terra para consumir toda carne em que há fôlego de vida debaixo dos céus; tudo o que há na terra perecerá.

18 Contigo, porém, estabelecerei a minha aliança; entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos.

19 De tudo o que vive, de toda carne, dois de cada espécie, macho e fêmea, farás entrar na arca, para os conservares vivos contigo.

20 Das aves segundo as suas espécies, do gado segundo as suas espécies, de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida.

21 Leva contigo de tudo o que se come, ajunta-o contigo; ser-te-á para alimento, a ti e a eles.

22 Assim fez Noé, consoante a tudo o que Deus lhe ordenara.

Capítulo 7

1 Disse o Senhor a Noé: Entra na arca, tu e toda a tua casa, porque reconheço que tens sido justo diante de mim no meio desta geração.

2 De todo animal limpo levarás contigo sete pares: o macho e sua fêmea; mas dos animais imundos, um par: o macho e sua fêmea.

3 Também das aves dos céus, sete pares: macho e fêmea; para se conservar a semente sobre a face da terra.

4 Porque, daqui a sete dias, farei chover sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites; e da superfície da terra exterminarei todos os seres que fiz.

5 E tudo fez Noé, segundo o Senhor lhe ordenara.

6 Tinha Noé seiscentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra.

7 Por causa das águas do dilúvio, entrou Noé na arca, ele com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos.

8 Dos animais limpos, e dos animais imundos, e das aves, e de todo réptil sobre a terra, 9 entraram para Noé, na arca, de dois em dois, macho e fêmea, como Deus lhe ordenara.

10 E aconteceu que, depois de sete dias, vieram sobre a terra as águas do dilúvio.

11 No ano seiscentos da vida de Noé, aos dezessete dias do segundo mês, nesse dia romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram,

12 e houve copiosa chuva sobre a terra durante quarenta dias e quarenta noites.

13 Nesse mesmo dia entraram na arca Noé, seus filhos Sem, Cam e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos;

14 eles, e todos os animais segundo as suas espécies, todo gado segundo as suas espécies, todos os répteis que rastejam sobre a terra segundo as suas espécies, todas as aves segundo as suas espécies, todos os pássaros e tudo o que tem asa.

15 De toda carne, em que havia fôlego de vida, entraram de dois em dois para Noé na arca; 16 eram macho e fêmea os que entraram de toda carne, como Deus lhe havia ordenado; e o Senhor fechou a porta após ele.

17 Durou o dilúvio quarenta dias sobre a terra; cresceram as águas e levantaram a arca de sobre a terra.

18 Predominaram as águas e cresceram sobremodo na terra; a arca, porém, vogava sobre as águas.

19 Prevaleram as águas excessivamente sobre a terra e cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu.

20 Quinze côvados acima deles prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos.

21 Pereceu toda carne que se movia sobre a terra, tanto de ave como de animais domésticos e animais selváticos, e de todos os enxames de criaturas que povoam a terra, e todo homem.

22 Tudo o que tinha fôlego de vida em suas narinas, tudo o que havia em terra seca, morreu.

23 Assim, foram exterminados todos os seres que havia sobre a face da terra; o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus foram extintos da terra; ficou somente Noé e os que com ele estavam na arca.

24 E as águas durante cento e cinquenta dias predominaram sobre a terra.

ANEXO B – Conto na Arca, de Machado de Assis

Na Arca, de Machado de Assis

Fonte:

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística

(<http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/literat.html>)

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.

Na arca

Três capítulos inéditos do Gênesis

Capítulo A

1. - Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: - "Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor, nós, e nossas mulheres, e todos os animais. A arca tem de parar no cabeço de uma montanha; desceremos a ela.
2. - "Porque o Senhor cumpriu a sua promessa, quando me disse: Resolvi dar cabo de toda a carne; o mal domina a terra, quero fazer perecer os homens. Faze uma arca de madeira; entra nela tu, tua mulher e teus filhos.
3. - "E as mulheres de teus filhos, e um casal de todos os animais.
4. - "Agora, pois, se cumpriu a promessa do Senhor. e todos os homens pereceram, e fecharam-se as cataratas do céu; tornaremos a descer à terra, e a viver no seio da paz e da concórdia."
5. - Isto disse Noé, e os filhos de Noé muito se alegraram de ouvir as palavras de seu pai; e Noé os deixou sós, retirando-se a uma das câmaras da arca.
6. - Então Jafé levantou a voz e disse: - "Aprazível vida vai ser a nossa. A figueira nos dará o fruto, a ovelha a lã, a vaca o leite, o sol a claridade e a noite a tenda.
7. - "Porquanto seremos únicos na terra, e toda a terra será nossa, e ninguém perturbará a paz de uma família, poupada do castigo que feriu a todos os homens.

8. - "Para todo o sempre." Então Sem, ouvindo falar o irmão, disse: - "Tenho uma ideia". Ao que Jafé e Cam responderam:- "Vejamos a tua ideia, Sem."
9. - E Sem falou a voz de seu coração, dizendo: "Meu pai tem a sua família; cada um de nós tem a sua família; a terra é de sobra; podíamos viver em tendas separadas. Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, ou lavrará a madeira, ou fiará o linho."
10. - E respondeu Jafé: - "Acho bem lembrada a idéia de Sem; podemos viver em tendas separadas. A arca vai descer ao cabeço de uma montanha; meu pai e Cam descirão para o lado do nascente; eu e Sem para o lado do poente. Sem ocupará duzentos côvados de terra, eu outros duzentos."
11. - Mas dizendo Sem: - "Acho pouco duzentos côvados" -, retorquiu Jafé: "Pois sejam quinhentos cada um. Entre a minha terra e a tua haverá um rio, que as divida no meio, para se não confundir a propriedade. Eu fico na margem esquerda e tu na margem direita;
12. - "E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia."
13. - E tendo Sem aprovado a divisão, perguntou a Jafé: "Mas o rio? a quem pertencerá a água do rio, a corrente?"
14. - "Porque nós possuímos as margens, e não estatuímos nada a respeito da corrente." E respondeu Jafé, que podiam pescar de um e outro lado; mas, divergindo o irmão, propôs dividir o rio em duas partes, fincando um pau no meio. Jafé, porém, disse que a corrente levaria o pau.
15. - E tendo Jafé respondido assim, acudiu o irmão: "Pois que te não serve o pau, fico eu com o rio, e as duas margens; e para que não haja conflito, podes levantar um muro, dez ou doze côvados, para lá da tua margem antiga.
16. - "E se com isto perdes alguma coisa, nem é grande a diferença, nem deixa de ser acertado, para que nunca jamais se turbe a concórdia entre nós, segundo é a vontade do Senhor."
17. - Jafé porém replicou: - "Vai bugiar! Com que direito me tiras a margem, que é minha, e me roubas um pedaço de terra? Porventura és melhor do que eu,
18. - "Ou mais belo, ou mais querido de meu pai? Que direito tens de violar assim tão escandalosamente a propriedade alheia?"
19. - "Pois agora te digo que o rio ficará do meu lado, com ambas as margens, e que se te atreveres a entrar na minha terra, matar-te-ei como Caim matou a seu irmão."
20. - Ouvindo isto, Cam atemorizou-se muito e começou a aquietar os dois irmãos,
21. - Os quais tinham os olhos do tamanho de figos e cor de brasa, e olhavam-se cheios de cólera e desprezo.
22. - A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

Capítulo B

1. - Ora, Jafé, tendo curtido a cólera, começou a espumar pela boca, e Cam falou-lhe palavras de brandura,
2. - Dizendo: - "Vejam um meio de conciliar tudo; vou chamar tua mulher e a mulher de Sem."
3. - Um e outro, porém, recusaram dizendo que o caso era de direito e não de persuasão.
4. - E Sem propôs a Jafé que compensasse os dez côvados perdidos, medindo outros tantos nos fundos da terra dele. Mas Jafé respondeu:
5. - "Por que não me mandas logo para os confins do mundo? Já te não contentas com quinhentos côvados; queres quinhentos e dez, e eu que fique com quatrocentos e noventa.
6. - "Tu não tens sentimentos morais? não sabes o que é justiça? não vês que me esbulhas descaradamente? e não percebes que eu saberei defender o que é meu, ainda com risco de vida?
7. - "E que, se é preciso correr sangue, o sangue há de correr já e já,
8. - "Para te castigar a soberba e lavar a tua iniquidade?"
9. - Então Sem avançou para Jafé; mas Cam interpôs-se, pondo uma das mãos no peito de cada um;
10. - Enquanto o lobo e o cordeiro, que durante os dias do dilúvio, tinham vivido na mais doce concórdia, ouvindo o rumor das vozes, vieram espreitar a briga dos dois irmãos, e começaram a vigiar-se um ao outro.
11. - E disse Cam: - "Ora, pois, tenho uma ideia maravilhosa, que há de acomodar tudo;
12. - "A qual me é inspirada pelo amor, que tenho a meus irmãos. Sacrificarei pois a terra que me couber ao lado de meu pai, e ficarei com o rio e as duas margens, dando-me vós uns vinte côvados cada um."
13. - E Sem e Jafé riram com desprezo e sarcasmo, dizendo: "Vai plantar tâmaras! Guarda a tua ideia para os dias da velhice." E puxaram as orelhas e o nariz de Cam; e Jafé, metendo dois dedos na boca, imitou o silvo da serpente, em ar de surriada.
14. - Ora, Cam, envergonhado e irritado, espalmou a mão dizendo: - "Deixa estar!" e foi dali ter com o pai e as mulheres dos dois irmãos.
15. - Jafé porém disse a Sem: - "Agora que estamos sós, vamos decidir este grave caso, ou seja de língua ou de punho. Ou tu me cedas as duas margens, ou eu te quebro uma costela."
16. - Dizendo isto, Jafé ameaçou a Sem com os punhos fechados, enquanto Sem, derreando o corpo, disse com voz irada: "Não te cedo nada, gatuno!"
17. - Ao que Jafé retorquiu irado: "Gatuno és tu!"

18. - Isto dito, avançaram um para o outro e atracaram-se. Jafé tinha o braço rijo e adestrado; Sem era forte na resistência. Então Jafé, segurando o irmão pela cinta, apertou-o fortemente, bradando: "De quem é o rio?"
19. - E respondendo Sem: - "É meu!" Jafé fez um gesto para derrubá-lo; mas Sem, que era forte, sacudiu o corpo e atirou o irmão para longe; Jafé, porém, espumando de cólera, tornou a apertar o irmão, e os dois lutaram braço a braço,
20. - Suando e bufando como touros.
21. - Na luta, caíram e rolaram, esmurrando-se um ao outro; o sangue saía dos narizes, dos beiços, das faces; ora vencia Jafé,
22. - Ora vencia Sem; porque a raiva animava-os igualmente, e eles lutavam com as mãos, os pés, os dentes e as unhas; e a arca estremecia como se de novo se houvessem aberto as cataratas do céu.
23. - Então as vozes e brados chegaram aos ouvidos de Noé, ao mesmo tempo que seu filho Cam, que lhe apareceu clamando: "Meu pai, meu pai, se de Caim se tomará vingança sete vezes, e de Lamech setenta vezes sete, o que será de Jafé e Sem?"
24. - E pedindo Noé que explicasse o dito, Cam referiu a discórdia dos dois irmãos, e a ira que os animava, e disse: - "Correi a aquietá-los." Noé disse: - "Vamos."
25. - A arca, porém, boiava sobre as águas do abismo.

Capítulo C

1. - Eis aqui chegou Noé ao lugar onde lutavam os dois filhos,
2. - E achou-os ainda agarrados um ao outro, e Sem debaixo do joelho de Jafé, que com o punho cerrado lhe batia na cara, a qual estava roxa e sangrenta.
3. - Entretanto, Sem, alçando as mãos, conseguiu apertar o pescoço do irmão, e este começou a bradar: "Larga-me, larga-me!"
4. - Ouvindo os brados, às mulheres de Jafé e Sem acudiram também ao lugar da luta, e, vendo-os assim, entraram a soluçar e a dizer: "O que será de nós? A maldição caiu sobre nós e nossos maridos."
5. - Noé, porém, lhes disse: "Calai-vos, mulheres de meus filhos, eu verei de que se trata, e ordenarei o que for justo." E caminhando para os dois combatentes,
6. - Bradou: "Cessai a briga. Eu, Noé, vosso pai, o ordeno e mando." E ouvindo os dois irmãos o pai, detiveram-se subitamente, e ficaram longo tempo atalhados e mudos, não se levantando nenhum deles.

7. - Noé continuou: "Erguei-vos, homens indignos da salvação e merecedores do castigo que feriu os outros homens."
8. - Jafé e Sem ergueram-se. Ambos tinham feridos o rosto, o pescoço e as mãos, e as roupas salpicadas de sangue, porque tinham lutado com unhas e dentes, instigados de ódio mortal.
9. - O chão também estava alagado de sangue, e as sandálias de um e outro, e os cabelos de um e outro,
10. - Como se o pecado os quisera marcar com o selo da iniquidade.
11. - As duas mulheres, porém, chegaram-se a eles, chorando e acariciando-os, e via-se-lhes a dor do coração. Jafé e Sem não atendiam a nada, e estavam com os olhos no chão, medrosos de encarar seu pai.
12. - O qual disse: "Ora, pois, quero saber o motivo da briga."
13. - Esta palavra acendeu o ódio no coração de ambos. Jafé, porém, foi o primeiro que falou e disse:
14. - "Sem invadiu a minha terra, a terra que eu havia escolhido para levantar a minha tenda, quando as águas houverem desaparecido e a arca descer, segundo a promessa do Senhor;
15. - "E eu, que não tolero o esbulho, disse a meu irmão: "Não te contentas com quinhentos côvados e queres mais dez?" E ele me respondeu: "Quero mais dez e as duas margens do rio que há de dividir a minha terra da tua terra."
16. - Noé, ouvindo o filho, tinha os olhos em Sem; e acabando Jafé, perguntou ao irmão: "Que respondes?"
17. - E Sem disse: - "Jafé mente, porque eu só lhe tomei os dez côvados de terra, depois que ele recusou dividir o rio em duas partes; e propondo-lhe ficar com as duas margens, ainda consenti que ele medisse outros dez côvados nos fundos das terras dele.
18. - "Para compensar o que perdia; mas a iniquidade de Caim falou nele, e ele me feriu a cabeça, a cara e as mãos."
19. - E Jafé interrompeu-o dizendo: "Porventura não me feriste também? Não estou ensanguentado como tu? Olha a minha cara e o meu pescoço; olha as minhas faces, que rasgaste com as tuas unhas de tigre."
20. - Indo Noé falar, notou que os dois filhos de novo pareciam desafiar-se com os olhos. Então disse: "Ouvi!" Mas os dois irmãos, cegos de raiva, outra vez se engalfinharam, bradando: - "De quem é o rio?" - "O rio é meu."
21. - E só a muito custo puderam Noé, Cam e as mulheres de Sem e Jafé, conter os dois combatentes, cujo sangue entrou a jorrar em grande cópia.

22. - Noé, porém, alçando a voz, bradou: - "Maldito seja o que me não obedecer. Ele será maldito, não sete vezes, não setenta vezes sete, mas setecentas vezes setenta.

23. - "Ora, pois, vos digo que, antes de descer a arca, não quero nenhum ajuste a respeito do lugar em que levantareis as tendas."

24. - Depois ficou meditando.

25. - E alçando os olhos ao céu, porque a portinhola do teto estava levantada, bradou com tristeza:

26. - "Eles ainda não possuem a terra e já estão brigando por causa dos limites. O que será quando vierem a Turquia e a Rússia?"

27. - E nenhum dos filhos de Noé pôde entender esta palavra de seu pai.

28. - A arca, porém, continuava a boiar sobre as águas do abismo.

FIM

ANEXO C – Introdução do conto na Arca, de Machado de Assis

Texto publicado originalmente no jornal *O Cruzeiro*, em 14 de maio de 1878

Transcrição feita por Luiza Helena Damiani Aguilar (2020):

Na versão do conto publicada no jornal, Machado incluiu uma introdução que, posteriormente, foi suprimida no livro. Ela está transcrita abaixo com ortografia atualizada:

Um capuchinho de Jerusalém remeteu-me pelo último paquete um preciosíssimo manuscrito: nada menos que três capítulos do *Gênesis*. O capuchinho, que esteve aqui háanos, conserva grata lembrança de nosso país. Da carta com que me mandou o seu maravilhoso achado, extraio estas duas linhas: “Com saudades me lembro do seu Brasil! Creia que se alguma vez deixar a terra santa, é lá que irei acabar os meus dias”.

O manuscrito foi achado nos alicerces da casa de Caifás. Está muito amarelo e roído em partes, mas felizmente só três ou quatro letras desapareceram de todo, e ainda assim supre-as o sentido. O capuchinho é bom hebraísta; mas, sabedor da curiosidade com que me entrego a tais estudos, quis dar-me a primazia da tradução, pedindo-me quelhe enviasse inédita. Não pude resistir à tentação de a publicar, e o faço sem remorso, porque um achado desta ordem não tolera larga obscuridade.

Disse que eram três capítulos inéditos do *Gênesis*, apesar do frade acreditar que se trata antes de uma interpolação e conseqüentemente que o texto canônico é também o texto integral. A razão que ele tem para afirmar que os três capítulos não são mais do que uma interpolação é a tal ou qual corrupção da língua, não obstante alguns arcaísmos com que o autor (diz o capucho) quis dar ao escrito um verniz da antiguidade. Discordo, e fico trabalhando numa memória de 600 páginas para demonstrar que o fragmento agora achado é o complemento do livro, uma simples restituição da primitiva Escritura.

Para a boa compreensão do que se vai ler, convém notar que estes três capítulos entram no cap. VIII do *Gênesis*, depois do vers. 17, isto é, antes da saída de Noé da arca, saída que é contada nos vers. 18 e 19. Temos pois que o cap. VIII é dividido em dois, indo o primeiro até o vers. 17; seguem-se os caps. A, B e C; e logo depois a 2ª parte daquele que constitui um capítulo separado.

A tradução é a mais fiel que me foi possível fazer. Lutei com dificuldades grandes. Em dois lugares fui obrigado a dar uma forma excessivamente moderna para corresponder à ideia aproximada do original. Mas, em toda a tradução, conservei a simplicidade bíblica. Se acrescentar

que fiz todo o trabalho em trinta e cinco minutos, ajudado apenas de um dicionário roto, terei dado ideia do esforço e ardor com que meti ombros a uma empresaliterária, que considero (vaidade aparte), a maior destes últimos cinquenta anos. Oxalá me compreendam os leitores!